

9180

~~525~~ Mary Carnahan

No. 17

John W. King of Portugal
9180.C.11

EXPOSIÇÃO RESUMIDA

DO QUE,

Arango Carneiro 189 d.

AN

DURANTE OS DEZOITO MEZES, QUE ESTIVE

EM LISBOA,

SOFFRI Á FACÇÃO, E AOS SCCLERADOS,

QUE DOMINAVAM EL REI,

E O LÉVARAM Á SEPULTURA.

PARIZ,

NA OFFICINA TYPOGRAPHICA DE PAULO RENOUD

RUA GARENCIÈRE, N° 5. F.-S.-G.

MDCCCXXVI.



PREFACIO.

He tam extraordinario, e revoltante o que publico, que poucas pessoas talvez o acreditem; todavia eu appello para aquelles que fazem de mim algum conceito : e em quanto aos que me não conhecem, peço-lhes queiram ler as Cartas, que publiquei em 1821, sendo El Rei vivo; o que fiz para evitar se dissesse, em qualquer tempo, que não existindo Elle ja, nenhuma prova poderia dar de se Lhe terem dirigido: rogo mais queiram ver o que inseri na *Gazeta-Universal* de 12 de Outubro de 1822, onde patenteei o que os Facciosos intentaram contra a Dynastia de Bragança, e dos Bourbons (o que depois pertenderam negar, a ponto mesmo de fazerem a ridicula pantomima de me chamarem aos Jurados; porque sabiam não estava ja em Portugal!) e espero me façam então alguma justiça, e se persuadãam que jamais avancei ao Publico senão verdades,

ou o que por tal tinha; e que sempre o tratei com a consideração, e respeito, que lhe são devidos. Asseguro ao Leitor, que foram taes os tormentos, e desaforos que soffri á canalha, que dominava o Monarcha, e a Nação, que inda hoje mesmo me admiro de lhe ter resistido, e escapado; chegando a ponto, muitas vezes, de me levantar da cama sem poder socegar, nem saber o que tinha.

N'este escrito verá pois o Leitor muitas cousas terribes; a situação, em que tem estado Portugal, e em que estive El Rei, a ponto de pegar (aindaque involuntariamente) na Espada para um vassallo, que lhe deu, no decurso de 20 annos continuos, as maiores provas de fidelidade, e zelo, como Elle mesmo confessava; e o que trabalharam os Facciosos (inda aquelles, que mais interessados eram na existencia do Monarcha) para a sua morte! Verá, finalmente, as violencias, e desaforos que padecei, e a serie de contrariedades estudadas, que aturei a um Ministerio da intriga, e da cabala! E isto por eu não ser cumplice de seus criminosos planos, e por me reputarem confiante, e amigo do Senhor Infante!

Verá um Soberano de nome, e uma Facção governar de facto! E verá emfim, e deduzirá de tudo, a violencia que se fez a um Principe, que vinha de salvar seu Pae, e a Monarchia; e o que se empenharam os scelerados, e se empenham ainda hoje, em desfigurar, e desacreditar aquelle que foi o seu acoite: eis o motivo por que tanto cuidaram em abalar o espirito d'El Rey, e persuadi-lo a ser tambem seu inimigo! Com estes esforços, e repetidas cizanias

levaram á sepultura um dos melhores Reis, que teem tido os Portuguezes; bemque dotado de uma constituição extremamente fraca, e nervosa. Mas a infelicidade de Portugal foi o cahir Elle nas mãos de Ministros perversos, e inimigos da Patria, que não cuidavam senão em atenuar o espirito do desgraçado Monarcha!

Declaro, todavia, que os vexames, e injustiças, que se me fizeram em seu Reinado, nunca a Elle as attribuirei, porque ainda o conheci em Portugal, e no Brasil, Senhor de suas acções, e com Ministros honrados, sendo eu mesmo prova d'isto, pois fui despachado por Elle, e so por Elle. Verdade he, que foi depois contrariado, e foram desfeitos os Seus despachos; mas por quem? por um revolucionario, que chegava de Inglaterra, e que em nome do Governo Inglez, e com historias * forjadas em Londres, o dominava! D'estes, e outros principios, he que os Pamplonas, os Lacerdas os Portos-Santos, e a mais relé, tiraram a norma de sua escandalosa conducta, para não estarem pelo que queria o Monarcha! E cumpre dizer, que tanto elles o contrariavam, que os seus maiores inimigos, e os maiores traidores de Portugal foram aquelles mesmos, que Elle se viu obrigado a chamar para seus Primeiros Ministros!!!

Outra prova de Sua bondade era o ouvir-me, e dar-me attenção a verdades, que de ordinario os Soberanos não

* Eu farci ver em outro Folheto que historias eram estas, e o que El-Rei me contou em 1819.

querem ouvir, como bem o comprovam as Cartas, que lhe dirigi desde 1817 até 1821.

Eu sempre tive tenção de publicar, por extracto, o que passei em Lisboa nos 18 mezes de martyrio (pois de outro modo seriam precisos volumes) e de declarar o que El Rei me tinha dito; e isto porque julgava o poderia então salvar, e arranca-lo das garras de seus verdugos; mas hoje que he morto, faço-o, tanto para que se conheçam taes perversos, como para que se não manche a memoria d'um bom Rei, e se lhe attribuem os crimes de uma Facção, que o dominava, e o matou.

Declaro igualmente, que se em meio das violencias, dos desaforos, e mesmo do roubo, que m'estavam fazendo, eu não estivesse persuadido, que aquillo não era, nem podia ser Governo permanente, ter-lhe-hia feito, de certo, o mesmo que fazem as almas desesperadas, e que se faz aos ladrões d'estrada! Para as duas grandes revoluções de Roma, revoluções, que tanto melhoraram a sorte dos Romanos, foram precisas grandes preversidades, perpetradas pelas primeiras autoridades; mas punidas pelos proximos parentes dos offendidos: fallo do crime de Tarquinio, e da morte de Virginia. Os Povos não despertam da apathia, em que d'ordinario jazem, sem verem crimes publicos rigorosamente castigados. Em Portugal, para vergonha nossa, ja uma Facção de scelerados teve a criminosa ousadia de declarar um Soberano por demente, e inipotente, e até de detrona-lo e mata-lo!!! mas he porque não se achou um homem de corajem, que reputando em pouco a propria vida,

a consagrasse toda á salvação da Patria. Hoje (passados 150 annos) vemos um Principe que, por isso mesmo que salvou Seu Pae, e Rei, e o restituiu á Liberdade, e aos Seus Direitos, he denominado usurpador, e regicida!!! E não houve (torno a dizer) um so Portuguez que fizesse despertar a Nação á custa mesmo de seus dias!!!

A moral de Roma não era mais pura que a moral dos Portuguezes de hoje: a prova são os crimes, que se commettiam; porém o que houve então em Roma foi um matrido, e um pae ultrajados. Eu ainda o repito, se não estivesse capacitado, que um dia os facinorosos de Lisboa haviam de ser punidos, tinha-o eu mesmo feito á custa, sim, dos meus dias, mas com proveito da minha Patria. Muitas vezes o pensei, porque muitas vezes fui provocado a isso; porém a difficuldade primaria era, e foi de apanhar em uma so hora a maioridade dos scelerados. Em quanto ao Principe D. Miguel, existe felizmente um Grande Soberano, o qual (aindaque em outro hemispherio) tem sentimentos assás elevados, e assás d'energia para vingar os ultrájes, e affrontas feitas a Seu Irmão, e á Sua Familia!!!

Dividirei os 18 mezes da minha estada, e da minha perseguição em Lisboa, em duas epocas: a 1ª desde a minha chegada a Lisboa, em Outubro de 1824, até a sahida do Pamplona de Lisboa, em Abril de 1825. A 2ª desde o dito mez de Abril até a morte d'El Rei, em Março de 1826, que eu sahi de Portugal: accrescentarei de mais algumas Cartas, que me dirigiu o filho do Ministro Lacerda, não so porque não sou obrigado a ter considerações com quem as

não teve comigo; mas até porque ellas poderão dar alguma força ás minhas asserções, e fazerem conhecer melhor o systema, que seguia em Portugal; declarando desde já o quanto me admirava ver a falta de Logica, que mostrava o filho do dito Ministro; pois ao mesmo tempo que me parecia estar de intelligencia com o pae, e com o Intendente, para me entreterem, me contava tudo o que o pae passava com El Rei; e o mais he, acerca de S. A. R. o Senhor Infante, como mostrarei em outro Folheto.

EXPOSIÇÃO RESUMIDA
DO QUE,
DURANTE OS DEZOITO MEZES, QUE ESTIVE
EM LISBOA,
SOFFRI
À FACÇÃO, E AOS SCELERADOS,
QUE
DOMINAVAM EL REI, E O LAVARAM À SEPULTURA.

Em 1821 tendo eu dado a El Rei, assimque chegou do Brasil, um Requerimento, em que reclamava o que se me devia; o Mesmo Senhor o deu ao Conde de Barbacena, então Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, ordenando lh'o apresentasse no primeiro dia de Despacho; o que fazendo elle, disse-lhe S. M. — «Ser verdade dever-se-me o que eu allegava, e que passasse as ordens para se me pagar» Isto mesmo me contou o dito Conde.

Passaram-se as ordens, tendo eu ja ido á Secretaria arranjar com Gregorio Gomes da Silva, que servia d'Official-Maior da Secretaria dos Negocios Estrangeiros, os cambios; o qual lavrou o Decreto, que se meteu na Pasta; porém, por fatalidade, no dia seguinte que El Rei foi á Sé, a uma festa que la deu o Senado, aceitou ao dito Conde a demissão, que lhe andava, havia tempo, pedindo, como elle Conde me disse; assegurando-me comtudo, que o Decreto estava passado; mas por não poder ir ao Despacho, o recommendaria ao seu successor, como uma cousa mandada fazer por El Rei. O certo he, que tornou a entrar Silvestre Pinheiro; e este, ou fosse por o Conde

de Barbacena não ter feito o seu dever, e o que tinha promettido, ou porque este novo Ministro era um simples agente da Facção revolucionaria, não quiz levar o Decreto a assignar, oppondo-se ao pagamento, e allegando as razões dos revolucionarios declarados: iste he, que El Rei não tinha poder de mandar pagar cousa alguma sem o consentimento das Côrtes!!!

E como as Côrtes, por muito favor, decidissem, que se eu produzisse Documentos, que mostrassem ter El Rei mandado pagar, e confessado a divida, se me pagaria; El Rei enchendo-se de medo, e nada querendo dizer, por não desgostar os seus Carcereiros, fui obrigado a recorrer aos meios ordinarios, e judiciarios, mandando citar tanto o Conde de Barbacena como o Official-Maior para, debaixo de juramento, certificarem como S. M. tinha dito ser verdade o que eu allegava dever-se-me, e ter mandado passar o Decreto, como se passara.

Obtive o que pertendia do Official-Maior Gregorio Gomes da Silva como se ve (Doc. nº. I.) porêem o Conde de Barbacena começou a pôr difficuldades, e a querer escapar a depôr o que se lhe pedia, allegando com privilegios; não se lembrando que a ser homem probó, deveria esquecer-se de taes privilegios, quando se tratava de fazer bem o seu dever. Fui, em consequência, procurar o Ministro então da Justiça, ao qual me queixei da renitencia, e difficuldade que punha o Conde de Barbacena em certificar o' que sabia, e se lhe pedia, allegando com privilegios, e pretextos; com o que se alterou muito o dito Ministro da Justiça, dizendo-me — «Que a Lei não admittia contemplações, e que me servisse d'ella, se queria ser servido, e não lhe tirasse o tempo: que se o Conde não quizesse depôr o que sabia em casa, lho fizesse depôr na cadeia.»

Constando-me porêem, que no dia seguinte fôra o mesmo Conde a casa do Ministro da Justiça, em razão

do susto, que principiava a ter, e que estivera hora e meia á espera em uma sala, e que assim mesmo sahira o Ministro por outra porta, sem lhe fallar; por contemplação a isto, e por eu querer publicar o que sabia se estava ordindo contra as Dynastias de Portugal, e da Hespanha, desisti de continuar, e fazer uso da ordem, que ja tinha em meu poder; rogando todavia ao Conde que, visto desistir eu, e estar a sahir de Portugal, esperava que elle houvesse, como homem de bem, de dizer o que sabia a meu respeito ao Ministro, que se seguisse ao tratante de Silvestre Pinheiro; o que elle me prometteu, dando-me a sua palavra *de honra*, se não esqueceria da minha conducta. No emtanto sahi de Portugal, e não so quando succedeu a Restauração, no anno seguinte, elle Conde de Barbacena, não deu o menor passo a meu respeito; mas até quando cheguei a Lisboa em 1824, e que tam precisos me eram os seus bons officios para decidir o Pamplona a ultimar o meu negocio, como em 1825 o Conde de Porto-Santo, se recusou a fazer aquillo, que o homem o mais objecto faria! Porém eisaqui o que produz o egoismo vil, e baixo! e eisaqui os sentimentos de gratidão d'estas grandes almas!

Em 1821, quando em Portugal se conheceu a determinação das Potencias do Norte da Europa de fazerem ir tropas á Hespanha para acabarem com os revolucionarios das Côrtes, e achando-se n'esse tempo o Governo de Lisboa entretido com o da Gran'Bretanha acerca de deverem pagar, ou não as fazendas de lã em Portugal os mesmos direitos de 30 por cento, que antigamente pagavam, cuidou a Facção, por meio de seu Agente Silvestre Pinheiro, de officiar para Londres, propondo o annuirem a pagarem as ditas fazendas de lã unicamente 15 por cento, como queriam os Inglezes; mas com a condição de que o Governo Inglez se opposesse á entrada de tropas

estrangeiras na Peninsula, aliás ameaçavam com chamarem um Principe de' uma nova Dynastia, que então poriam á testa das duas Nações da Peninsula, de que fariam uma so: isto he, em Nome d'El Rei mesmo officiavam para a extincção da Sua Soberania, e da Sua Dynastia!!!

O Conde de Suberra, então Pamplona, era, n'esse tempo, não so Deputado em Côrtes, mas até da Commissão Diplomatica, e portanto conhecia isto muito bem, e mesmo melhor que eu; pois n'esse tempo ainda eu não podia distinguir os candidatos ao throno da Peninsula, mas o Pamplona não o ignorava; porêr sem embargo de se chamar a si mesmo o amigo por excellencia d'El Rei, nunca se lembrou de Lhe participar a *ninharia* d'esta conjuração; conjuração em que elle entrava!!!

Para a publicar, fui pois obrigado a expatriar-me em 12 de Outubro de 1822; e mandei imprimir na *Gazeta-Universal* d'esse mesmo dia, em extracto, a celebre Nota, que Silvestre Pinheiro dirigiu ao Encarregado de Negocios em Londres, para communica-la ao Governo Inglez (Doc. n.º 2); Nota que em Lisboa teve a audacia de negar o tal Silvestre Pinheiro, e Comp^a; mas foi quando souberam não me achava ja em Portugal, fazendo-me tambem chamar aos Jurados; como se eu podesse la ir!!

Suppondo eu, em 1824, que El Rei estaria na fruição de todos os Seus Direitos, e restituído á Sua antiga, e plena Soberania, determinei ir a Portugal reclamar o que se me devia, e que se me pagasse o que S. M. Tinha Mandado pagar em 1821. Ora como se achasse então em Pariz S. A. R. o Senhor Infante D. Miguel, me despedi do Mesmo Senhor, acompanhado pelo Conde de Rio-Maior, dizendo-lhe as cousas de costume, e que se diriam ao Filho do meu Soberano, isto he — « Se ordenava S. A. R., ou pertencia que eu fizesse alguma cousa? » Respondeu-me — « Queria que eu levasse uma Carta a El Rei seu Pae » Alguns dias

depois achando-me com o Conde de Rio-Maior no seu quarto, entrou S. A. R. com a Carta na mão, e me deu Dizendo-me — «Era a Carta para El Rei Seu Pae.»

PRIMEIRA EPOCA.

Tres dias depois sahi de Pariz, e não obstante desejar demorar-me alguns dias em Inglaterra, e ver os meus amigos que se achavam na Provincia, o não fiz, por pensar que S. M. Repararia, que eu me achasse com uma Carta de Seu Filho dirigida ao Mesmo Senhor, demorando-me aliás em Inglaterra; por isso parti logo para Falmouth, aonde me embarquei no primeiro Paquete, que deu á véla para Lisboa, que foi a 26 de Setembro, chegando áquella cidade a 6 d'Outubro, e n'essa mesma noite fui á Bemposta para entregar a Carta de S. A. R., e dizendo-me la um Porteiro-da-Cana — «Que S. M. não fallava» eu lhe tornei — «Que quizesse dar parte ao Camarista, ou ao Visconde de Villa-Nova, que se achava alli um sujeito vindo de Pariz, que trazia uma Carta de S. A. R. o Senhor Infante D. Miguel para S. M.» Veio o Visconde, e me disse — «Ia participar isto a S. M., e voltando, disse-me» — Que S. M. se achava Cançado, mas que voltasse eu no outro dia, como voltei; e no momento que ia na linha com os mais para fallar a S. M., e que Elle me viu, deitou immediatamente as mãos á Espada, que estava sobre uma pequena mesa á esquerda, e a poz sobre os joelhos, conservando as mãos nos punhos, e olhando fixamente para mim; o que me fez a maior impressão, e abalo, a ponto de sentir um desfallecimento, e como palpação, quasi persuadido de que El Rey me faria alguma! e, a não estar tam proximo d'Elle, tinha sahido da sala: revestime todavia de coragem, e chegando a minha vez, Lhe beijei a Mão, e Lhe dei a Carta do Senhor Infante; Dizendo-me — «Ainda agora?» Ao que respondi — «Não tinha vindo

antes por ter estado incommodado.» Procurou-me então pelo novo Rei de França Carlos X, e como tinha sido a morte de Luiz XVIII?

No seguinte dia achei-me doente, e não fui ao Paço: tornei no outro dia sabbado 9; e me procurou então El Rei — « Como se conduzia Seu Filho S. A. R. o Senhor Infante? » Ao que respondi — « Que muito bem (o que até S. M. devia saber pelo Conde de Rio-Maior, por ser elle mesmo quem me disse — « Que S. A. R. se conduzia magnificamente) Observei que quando respondi isto a S. M., me deitaram os Camaristas, alli presentes, uns olhos, como se eu tivesse avançado uma blasfemia! e isto porque (como depois vim a saber) era a ordem do dia levantar a S. A. R. todos os aleives, e testemunhos que se podiam imaginar!!! Entreguei então a S. M. um Requerimento, e varios Jornaes.

Na segunda feira 11 fui a casa do Conde de Subsera, que se achava *governando Portugal*, como primeiro Ministro; o qual me mandou subir, e me veio receber com o Requerimento, que eu tinha dado a El Rei, e os outros papeis nas mãos, mostrando-me escrito por elle, á margem do dito Requerimento, varios extractos acerca dos serviços que eu tinha feito, querendo mostrar-me com isto o interesse, que tomava em meu negocio: e na verdade, dando eu a S. M. no sabbado o meu Requerimento, que continha umas 20 paginas, era para notar que, apenas passado um dia, elle tomasse tanto a peito os meus negocios, dizendo — « Era-me obrigado; que nunca se havia d'esquecer d'isso; e em summa, que S. M. o tinha encarregado do meu negocio, etc. » Conversou depois acerca de S. A. R. o Senhor Infante, avançando cousas horrorosas; discorreu largamente sobre a viagem de Villa-Franca — « Que se achava, qual outro Numa Pompilio, no momento em que fôra chamado pelo Senhor Infante D. Miguel, cavando as flores na sua quinta, e com muita difficuldade se resolvera a par-

tir, etc. » Emfim, fez uma historia a seu modo acerca de sua volta de Villa-Franca a Lisboa, e do ajuste feito com S. A. R. para elle vir dando-lhe certos signaes etc., para que S. A. R. estivesse seguro de achar Lisboa a seu favor, etc. » Um dia chegando eu a casa, seriam 9 horas da noite, achei um quarto, junto ao meu, occupado; e dizendo-me o criado da casa — « Era um senhor * da Provincia, que vinha a negocios a Lisboa, » fiz n'isto algum reparo; porquanto, nas duas vezes que ja tinha morado n'esta Hospedaria, nunca vira hospedados n'ella senão estrangeiros; comtudo não pensei mais n'isso. No outro dia, que era o oitavo, depois da minha chegada a Lisboa, entrou pela barra o Paquete Inglez *Marlbro*, em que vinha a mulher de um Sueco professor de Surdos, e Mudos, a qual veio alojar-se na Hospedaria onde eu me achava; isto foi bastante para que a quadrilha Ministerial, que andava sempre inquieta, e a sonhar com o Senhor Infante, imagina-se que a mulher do tal Sueco era o Senhor Infante em Pessoa: em consequencia, n'essa mesma noite, seriam duas horas, bateram á porta, e obrigaram o dono da Hospedaria a levantar-se; sentindo eu um grande motim, e muita bulha junto ao meu quarto.

Na manhã seguinte he que sube da pantomima; isto he, que vieram homens da Policia obrigar o donó da casa a mostrar-lhe o passaporte do sujeito, que morava ao pé do meu quarto; o qual era um homem mandado pela dita Policia para espionar as minhas acções; e isto a fim de terem um pretexto (bemque assás ridiculo) de desacommodarem a gente n'alta noite! Sube mais, n'esse mesmo dia, que obrigaram a pobre Alemã a levantar-se da cama, e a mostrar-se de um modo, que lhes confirmasse ser mulher! O que merece advertencia he, que sendo eu, em grande parte, o objecto d'esse rebolico, não se animassem os taes

* Passava com o nome de *Valladas*.

esbirros a bater-me á porta, e a fazer-me levantar, para verem se no meu quarto haveria alguma cousa suspeita! todavia, resolvi-me a queimar muitos papeis que, aindaque, pela maior parte indifferentes, poderiam ser por elles trans-tornados, e desfigurados. Foi o resultado descomporem o dono da casa, e condemna-lo, por ter recebido o Espião da Policia sem passaporte; de sorte que durante um mez que alojou, e comeu este Espião na Hospedaria, pagou a Policia ao dono da casa com a somma, que lhe impoz de condemnação. A verdade he, que este motim, e o mais que se passou n'essa memoravel noite, foi de tal natureza, que fez adoe-cer o dono da casa, e o capitão Sueco, a ponto de este ultimo morrer, e o primeiro estar desenganado, e sem esperan-ças de vida! Eu resistia a isto, não sei como, e porque: a unica cousa, que me animava, em meio de taes desafo-ros, era o ver a fraqueza, ou temor que dominava esta roda de scelerados, que governavam El Rei, e Portugal!!!

He de notar, que todos estes terrores panicos augmen-tavam em consequencia dos incidentes, que acompanha-ram a vinda da Alemã para a mesma Hospedaria, onde eu estava, e de terem feito espalhar em Lisboa que S. A. R. Se achava ja em Inglaterra; poisque tendo eu mandado de Londres para Falmout uma *impériale* com o meu fato, para leva-la comigo ao embarcar, e esta não tivesse ainda chegado quando embarquei, e deixasse por isso recomen-dado que ma remetterssem pelo Paquete immediato, e que apenas chegado o mesmo Paquete; fosse eu a bordo saber se se achava la a dita *impériale*, e voltasse no dia imme-diato para a fazer conduzir; tudo isto os abalava, e inquie-tava a tal ponto, que um dos homens do Bote, em que eu fui abordo do Paquete, disse me — « Olhe Sñr, ontem quan-do viemos a bordo do Paquete, andaram dous Botes atraz de nós, e hoje succedeu o mesmo. »

Passados alguns dias, voltei a casa do Pamplona, e man-

dando-me elle logo subir (ficando aliás no pateo, e corredores muitas Personagens), travou outra vez conversação acerca do Senhor Infante (não obstante querer eu so fallar-lhe no meu negocio) e disse-me cousas horrorosas... — « Que a grande falta fôra não se Lhe ter feito o processo summario, e não se Lhe applicar a pena capital!!! » Tornou a dizer — « Me era obrigado, e que nunca lhe esqueceria o serviço, que eu lhe prestara quando estivera proscripto de sua Patria! (Doc. N° 3.) » Observei n'essa mesma occasião que elle trazia uma Pistola no seio; pois ao dar passos pela sala, via-se-lhe um pouco a coronha! Eis como andava o espirito d'esta gente!!!

No dia 21 fui a uma casa procurar um sujeito (que ia para a Ilha da Madeira) na rua larga de S. Roque, e a tempo que tocava a campainha, appareceu um Pequeno de 11 para 12 annos, subindo a escada, e procurando-me — « Se alli morava certa pessoa, cujo nome me não lembra » Respondi-lhe — « Que não sabia ». Sahi, e estive bastante tempo conversando no largo do Loreto com um sujeito; depois dirigi-me a casa do Embaixador Inglez, e de la fui ver uns Inglezes Mess.^{es} *Bournes*, que tinham vindo comigo no Paquete, e que assistiam na mesma rua onde morava o Embaixador Inglez, e sahindo com um d'elles á varanda da Hospedaria, onde alojavam, em frente da porta da Igreja de S. Francisco, reparei, que defronte estava um Pequeno olhando para a janella; o qual me pareceu ser o mesmo que, hora e meia antes, tinha subido pela escada na rua de S. Roque, e me procurara por certa pessoa: tornei a vir á janella, e notei que de facto era o mesmo, e que estava escrevendo com uma penna de lapis em um livrinho, creio que o n° da porta. Chamei o dito Inglez para ver esta nova Policia de Lisboa; e como lhe parecesse isto um desaforo, a que não estão acostumados os Inglezes, quiz baixar á rua com um chicote; mas eu lhe adverti — « Ser

melhor dissimular, pois d'outro modo me poderiam fazer carga; o que seria summamente agradavel aos meus inimigos, quando não, que eu tambem podéra fazer o mesmo. »

Sahi algum tempo depois, e observei que o rapaz me seguia: desci a calçada de S. Francisco, encaminhando-me a casa da Condeça de Rio-Maior, a fim de entregar-lhe uma Carta, que trazia de Pariz; mas encontrando na rua dos Ourives-do-Ouro certo sujeito meu conhecido, demorei-me com elle; reparei, no emtanto, que o rapaz se apoiara a um frade de pedra, olhando para nós. Entrei em casa da Condeça de Rio-Maior, e estive com ella quasi uma hora; porém quando sahi achei o rapaz encostado á porta, que fica de frente, em ar de quem me esperava: entrei depois na Igreja de S. Domingos, para que se dissesse ao Intendente, e Comp^a, que eu era, ou muito Catholico, ou muito Judeu; porém o rapaz ficou á porta da Igreja. Estive para ir a alguma outra parte *original*; mas assentei comigo mesmo ser acto ridiculo, e vergonhoso. Fui jantar a uma Casa-de-Pasto á *Pombinha*, e quando acabei, e sahi, dei com o rapaz de frente. De la dirigi-me a casa do meu Procurador, que morava ao Arco-do-Bandeira; mas quando sahi, achei o rapaz á espera. Finalmente, querendo acabar com isto, fui tomar café ao *Marrare*, e como elle tem duas entradas, e duas faces, emboquei pela rua, aonde o rapaz ficou de sentinella, e sahi pela outra: perdeu-me então totalmente de vista, depois de ter andado atraz de mim quatrô horas, pelo menos. D'isto inferi como me andavam no alcance; e d'isto poderão tambem ver os meus Leitores o como se fazia a Policia em Lisboa, he dizer, tam ridicula, e puêrilmente, que qualquer homem que se achesse comprehendido em alguma cousa, pôdia estar seguro que o avisariam, e trariam á lerta com a pantomima, que jogavam! Ora perguntára eu, se nos paizes civilisados se não conhece a con-

ducta de um individuo, sem se praticarem taes ridicularias? Porém que se podéra esperar d'um Intendente como o Sñr. Simão! *Sub auspiciis tanti viri!* iste he, do Palmella, que era o Ministro do Reino? Todavia, similhante proceder, produziu em mim um abalo, e impressão tal, que nem eu mesmo hoje o sei explicar. Fui ter com El Rei, e disse-lhe — «Que a conducta, que se tinha comigo era a mais injusta, e ultrajante, para um homem, que S. M., melhor que ninguem, conhecia; que eu rogava a S. M. me Mandasse pagar, para satisfazer os meus, e Seus credores; e que depois me fizesse sahir de Portugal, caso lhe fosse ja suspeito aquelle, que em outro tempo, lhe mereceu o nome d'amigo, e fiel vassallo.» Emfim, disse-lhe algumas cousas tam apaixonado, e sentido, que me fez chorar, ficando todos na sala um pouco consternados. Poderiam então ser oito horas e meia, e quando eram onze (estando eu ja deitado) senti virem bater á porta do meu *Carcereiro*, e observei, que depois de lhe fallarem baixo, vestiu-se elle, e sahiram todos; porém voltou d'ahi a 6 dias. D'esta manobra colligi, que S. M. Dissera alguma cousa a esse respeito ao Intendente; mas que, passado tempo, como lhe era urgente nutrir o *terrorismo*, que *rendia*, e visto não ter sahido inda Barão; por isso tornou o meu *Carcereiro* a seu posto.

Tinham-me dito em casa, que tivesse cuidado comigo; pois além d'estarem da rua olhando varias pessoas para as minhas janellas (dando isso causa a que os que passavam parassem, e olhassem) quando eu sahia em carruagem á noite, me acompanhava, e seguia atraz, em certa distancia, um homem a cavallo; e quando sahia a pé, acompanhavam-me um, ou dous, algum tanto afastados. As senhoras da casa mejeu-se-lhes em cabeça me queriam matar, e estavam sempre com grande cuidado, quando me não recolhia cedo para casa. Eu mesmo verifiquei isto, porque

metendo-me na carruagem, e olhando para traz, descobri um sujeito a cavallo, mui chegado á traseira da mesma; o que tinha lugar quasi sempre de noite, quando eu ia á Bemposta; e quando me apeava para entrar no Paço, via o tal sujeito apear-se tambem do cavallo; notei mais, das janellas do Paço, que elle tinha o cavallo pelas redeas, e logoque eu sahia, e entrava na carruagem, montava elle a cavallo, e acompanhava-me!

Procurei o Ministro; as mesmas distincções, os mesmos agasalhos, e as mesmas conversações acêrca do Senhor Infante; porém já a diligencia de cuidar no meu negocio tinha afrouxado: o^lque elle queria era ver se me apanhava alguma, aindaque fosse armada! Queixei-me a elle da conducta escandalosa, que se praticava comigo; não de me espionarem, mas sim de o fazerem tam porca, e escandalosamente. Respondeu-me — Não ser sua a culpa, e que me não admirasse, pois eram precauções; que se eu lhe tivesse dado a Carta * do Senhor Infante, para a entregar a El Rei, tudo se teria evitado; além de que, haviam escrito de Pariz, e Londres, tivessem cautela comigo; porquanto a minha vinda a Portugal era de intelligencia com o Senhor Infante, com quem eu fallava em Pariz pelos corredores, e ás escondidas. D'aquí se ve, que El Rei já não era Senhor de receber uma Carta de seu Filho; e a recebe-la, devia soffrer, e pagar o portador!!! Respondi-lhe—«Que em quanto á Carta, que me confiara S. A. R. para Seu Pae, nem pôr sonhos pensasse a daria a outrem, que não fosse El Rey Mesmo; Que eu não viesse a Portugal por defensor de S. A.; mas que tam-

* Era um crime ter trazido uma Carta do Senhor Infante (d'aquelle que tinha resgatado a sua Patria, e o seu Rei) para seu Pae, e não o era ter levado, com levei em 1818, um Requerimento de um traidor condemnado á morte! *oh Tempora!*

bem nunca me declararia seu verdugo, e calumniador. Na conversação, entre outras cousas, disse-lhe — «E parece-lhe, Sñr. Conde, ser eu capaz d'atraçoar S. M.? eu, que tenho gasto a melhor parte da vida a lutar com os seus inimigos!!!» Teve a ousadia de responder-me — «Ja nada me admira; pois aquelles que mais obrigados Lhe eram, foram os que peor se conduziram: além de que, muitos podem olhar para futuros vantajosos etc.»..... Confesso que não pude responder a isto; porque so acções carecia. Um homem traidor, por essencia, da sua Patria, e do seu Soberano, ter o atrevimento de me fallar assim!!!

He de notar, que como eu sou mais conhecido em Portugal pelo nome, que pela physionomia, por ter estado perto de 20 annos em paizes estrangeiros; e querendo-se os Emissarios da Policia assegurar da minha pessoa, foram alguns procurar-me, perguntando pelo Irmão do Sñr. Joaquim Ignacio; cumpre advertir, que estando eu ja decidido a não receber pessoa alguma desconhecida, e vindo eu mesmo á porta desfarçado, saber o que queriam, e que mo dissessem, pois elle não lhe podia fallar; insistiram em dizer — «Que so a elle queriam fallar acerca de seu Irmão.» E como eu insistisse igualmente, partiram mostrando-se muito enfadados. N'outra occasião levando eu as chaves ao dono da casa, que morava no primeiro andar, disse-me — «Estava alli um sujeito, que me queria fallar em particular, e chamando-o para o canto da sala, disse-me — «O Sñr., he o Sñr. Heliodoro?» Respondi-lhe — «Sou eu mesmo» Entam elle, um pouco atrapalhado, disse-me, mettendo as mãos nas algibeiras — «Trazia-lhe aqui uma Carta..» Concluiu, todavia, confessando-me «Lhe esquecer sobre a mesa» e retirou-se. Eu ria-me, e mortificava-me com esta nova Policia! Outra vez veio um sujeito procurar-me, ao momento que eu sahia, e declarou-me — «Que se eu tinha alguma cousa a participar á Rainha, ou lhe queria

fallar, elle me facilitaria modo de a ver.» Conheci facilmente a cilada, e respondi-lhe — «Que nada tinha a dizer a S. M.» De tudo o exposto, ajuizará o Leitor a paciencia, de que me cumpria revestir para aturar semelhantes *chicanas*, e intrigas!

Certo sujeito meu amigo, so porque veio algumas vezes a minha casa, teve na Hospedaria, onde morava, um destacamento de Emissarios da Policia quasi dous mezes.

Tinha chegado um navio do Havre com o Conde de Linhares, e o brejeiro do Athanazio; os quaes ja em Pariz, quando eu la residia em 1824, so cuidavam, de mãos dadas com o Brito, em atraçoar, e vender S. A. R.; mas desque desembarcaram não pensaram senão em fazer a cõrte á *Quadrilha Ministerial*, forjando as maiores calumnias contra o Senhor Infante, taes como a morte de um cão pela gentalha; a assoada no Theatro; o vestido rasgado á Duquesa de..... em um baile; e outras muitas historias calumniatorias, so porque isto rendia, e dava de comer a estas insaciaveis feras!!

Um dia, que encontrei o tal Athanazio na arcada do Terreiro-do-Paço, vindo-me á lembrança o que, pouco tempo antes, me tinha participado o Pamplona, que diziam «Fallar eu ás escondidas com o Senhor Infante pelos corredores do *Hotel-Meurice*:» o que, bemque falso, so podia vir do tal Athanazio, disse eu a este — «O Sñr. Athanazio conhece, melhor que ninguem, o que eu fallava em particular, e em segredo com S. A. R.» A isto respondeu o tal tratante — «Que nada sabia.» Como se elle ignorasse todos os passos, que se davam no interior do quarto de S. A. R., sendo um criado, que devia estar sempre ás ordens! Mas eu tornei-lhe — «Ainda um dia com um chicote heide azorragar os desavergonhados, que teem a audacia de fallar em mim tam calumniosamente.» E fazendo-se então muito vermelho, respondeu-me — «Que nada era com elle etc. etc.» Dizen-

do-lhe mais — «Que eu não viera a Lisboa desfigurar as acções do Senhor Infante, as quaes eram faceis de conhecer em Pariz pelos Jornalistas, que nada deixam passar por alto.» — «Diga-me Sñr. Athanzio (continuei eu) por ventura até 8 de Setembro, que estive em Pariz, mataram, como por aqui dizem, o cão ao Senhor Infante?» Não me poudes dizer o contrario; mas entrou-me a morder em varias acções, tendo a confiança, e o descaramento de me negar o que eu mesmo vi, como era, que as primeiras Personagens de Pariz disputavam em vir obsequiar o Senhor Infante etc. D'aqui inferi o que este desavergonhado diria ao Pamplona, e Comp^a. acerca de S. A. R., quando elle a mim proprio assim fallava. Eu sabia muito bem como lhe devia pagar, e em que moeda, por se atrever a contrariar-me em cousas de primeira evidencia; mas o tempo era assás critico, e os meus inimigos so buscavam pretexto para me fazerem alguma.

Como S. M. voltou para Mafra, resolvi-me a partir tambem para la; porque sube que o Pamplona o seguira: estive ahi 6 dias; findos os quaes, me disse o tal Pamplona — «Que S. M. era de parecer que eu voltasse para Lisboa, mas que elle Pamplona cuidaria no meu negocio.» Não reflecti então n'isto; pois como os incommodos, que alli ha, sam incalculaveis, julguei tinham ja comigo alguma humanidade; bemque um pouco estranhei tal proceder, lembrando-me das incommodidades, que soffri nas viagens de Santa-Cruz, e o quanto S. M. se lisonjeava, e gostava de ver a gente ao pé de Si. Todavia, passados tempos, considerei n'isto, mais seriamente; porque me disseram em Lisboa — «Olhe, Sñr. Carneiro, nas praias correu que o tinham posto fóra de Mafra, por o Sñr. Carneiro ter dado um jantar na Ericeira, quarta feira dia dos annos do Senhor Infante (o que não era verdade; so sim ter eu jantado n'esse dia no Ericeira com o meu amigo, que me acompanhou a Mafra). Porêna

o motivo principal (como depois adverti) era o medo, e a apprehensão, que esta roda tinha concebido, de que S. M. podesse ouvir-me, e tornar a ter em mim aquella confiança, que outrora lhe mereci; porquanto, na terça feira 25 d'Outubro, passando eu por acaso pela cerca dos Frades, e fazendo-me signal S. M. para me chegar, e obedecendo eu, procurou-me entre outras cousas — «Se Seu Filho o Senhor Infante, prefereria vir antes para Lisboa, ou estar lá por fora?» Respondendo-lhe eu, que so podia assegurar a S. M., ter visto os olhos de S. A. R. cheios de lagrimas quando lhe procurei — «Se queria alguma cousa para Seu Augusto Pae» S. M. apertou-me a mão, voltou a cara para o criado particular, e levantou-se. Eis a razão porque se me disse depois de um modo muito doce — «Que S. M. assentava ser melhor que eu fosse para Lisboa.» Observarei a este respeito, que sendo costume dar El Rei, no dia dos annos de Seus Filhos, a Mão a beijar, arranjaram uma caçada n'esse mesmo dia, para que esta cerimonia não tivesse lugar; e á noite levou-se todo o tempo com mostras da caça morta, etc.

Como na epoca dos annos do Senhor Infante me achasse em Mafra, e o Sñr. Intendente da Policia Simão aspirasse a ser Barão, forjou uma conspiração n'esse dia, para a mandar, como mandou, como um presente ao Pamplona pelo Telegrafo; prendendo-se muita gente: de tal sorte, que quando cheguei a Lisboa, voltando de Mafra, se admiraram algumas pessoas de ver-me, por terem espalhado os meus inimigos, que eu fôra comprehendido na conspiração do Sñr. Simão!!!

Voltou El Rei de Mafra, e o Pamplona, e eu continuei no fadario de ir a casa do tal Ministro, quasi todos os dias, pedindo-me elle quantos Documentos lhe vinham á cabeça; e isto so para me entreter: colligi então que elle queria fazer-me andar á pata, para ver se lhe communicava alguma cousa acerca do Senhor Infante, ainda que fosse fabri-

cada; pois assás mo deu a entender. Tenho porê m a satisfação de que no meio de todas estas perseguições (as maiores que pôde soffrer um homem) lhe disse um dia, em uma das occasiões, em que elle confessava—«Ser meu amigo, e fallar-me com sinceridade» — «Olhe Sñr. Conde, com a mesma sinceridade lhe declaro, que o Senhor Infante tem aqui um grande partido.» Respondeu-me elle — «Não me admiro; sei muito bem que toda a brejeirada he a seu favor; porê m grande parte da tropa ja foi debandada, e hade fazer-se o resto. Quanto ao mais, esteja a brejeirada certa, que elle nunca ha de ser Rei de Portugal! Ja la vão providencias para o Rio, que levou o *Leal*: antes colonia do Brasil, que ter por Rei um tal....» E eu, como o vi muito alterado, accrescentei» — O Senhor Infante tem um grande partido, que nunca se persuadiu que S. A. R. ou-
sasse tentar, ou pensar cousa alguma contra a autoridade, e vida d'El Rei.» Motrei-lhe então uma Gazeta Franceza, o *Drapeau-Blanc*, de 24 de Junho de 1824, em que vinha uma Carta defendendo, e elogiando o Senhor Infante, e carregando n'elle Pamplona, e Comp^{ta}: pediu-ma para mostra-la a El Rei; mas respondi-lhe — «Que de certo o não faria, antes a queimaria» (a pezar de eu haver ja enviado uma a El Rei por via de terceira pessoa.)

Como eu dizia no Requerimento, que dei a S. M. — «Que o Mesmo Senhor Tinha em 1821, Mandado ao Conde de Barbacena passasse as ordens para se me pagar o que eu pedia; e querendo por isso tirar partido de tudo, para me moer, mostrando sempre me queria servir, disse-me um dia o Pamplona — «Que havia de mandar chamar o Conde de Barbacena, para lhe procurar se El Rei lhe tinha Dado as ordens para se lavrar o Decreto para o pagamento, etc.» Por isso lhe escrevi a Carta (Doc. n^o 4) e ao Conde de Barbacena a Carta (Doc. n^o 5.).

Quando via El Rei, e lhe fallava no meu negocio, sempre

me dizia — «Que o Conde de Suberra estava encarregado d'elle, e que descansasse, porque era cousa que Elle ja tinha mandado pagar, e que se havia de pagar.» Emfim, lembrei-me de ver se com algum mimo, ou pequeno presente, faria lembrar, e decidir o meu negocio ao Pamplona; mas passados dous dias, me disse este — «Que a sua situação, como Ministro, era tal, que lhe não permittia aceitar cousa alguma; accrescentando — «A caixa inda está tal, qual m'a mandou.» Porêrn não fallou mais n'isso; e como havia fallar, se uma semana antes lhe tinha eu remettido um grande caixão, que meu Irmão (e ja não era o primeiro) lhe mandava da Ilha da Madeira!!!

Assignalou-me finalmente um dia para fallar-mos á vista dos papeis, e para declarar-me o que S. M. exigia (não era S. M., era elle quem o exigia) para concluir a minha liquidação. Fui pois a sua casa, e em uma sala, onde tinha toda a papelada, principiou, dizendo-me — «Exigia S. M. que eu produzisse o Passaporte, com que tinha sahido do Rio de Janeiro; porquanto d'essa epoca he que se me deveria contar o ordenado de Encarregado de Negocios; que devia produzir mais, passado por um Correcctor da Praça de Lisboa, o valor dos cambios com Inglaterra dos mezes, em que recebi certa quantia á conta em 1822; que devia produzir outrosim os recibos do Hypolito, e ultimamente um attestado desde que não recebia somma alguma por conta da assistencia, que se me mandava fazer em Londres: o que tudo produzi; e elle então me assegurou ia fazer expedir as ordens.

Passados dous dias disse-me — «Fallasse eu com o Dantas seu Official de Gabinete, paraque elle me mostrasse o Aviso (como fiz) e com effeito mostrou-me a ordem passada ao Conde da Póvoa, Ministro do Erário, para me fazer pagar as sommas, que iam especificadas, as quaes constavam do emporte do que levou meu Irmão a S. M. em 1820; do que

dei por ordem de S. M. ao Hypolito, e de outras cousas, que remetti a S. M., o que montava a 30 contos. Declarou-me elle Ministro — «Que separára esta conta do que se me devia de pensões, e ordenados, para mais facilidade do pagamento; pois como das pensões haviam ordens expressas, ellas seriam pagas depois.»

Disse-lhe — «Não gostava que esta ordem fosse expedida por Aviso; porque assim poderiam entreter-me.» Respondeu-me — «Que deixasse ir o Aviso; e que se o Conde da Póvoa me não mandasse pagar, obrar-se-hia d'outro modo com elle; accrescentando, que não fallava pessoalmente ao dito Conde da Póvoa, porque estavam mal, em consequencia d'uma intriga do mesmo Póvoa, e Palmella contra elle.»

Enviaram-se os papeis ao Conde da Póvoa, com o qual fallei alguns dias depois, e prometeu — «Me faria pagar na semana immediata, por estar o balanço acabado.» Comtudo, passados alguns dias, começou-se a fallar em mudança de Ministerio, e que a Inglaterra exigia a sahida do Pamplona, em consequencia dos Emmissarios, que este mandava ao Rio de Janeiro sem sua intelligencia; quando aliás estava o Governo Inglez encarregado de Medianeiro entre Portugal, e o Brasil. Fui ter com o Pamplona, e achei-o com semblante mudado, e ja com outra lingoagem mais análoga áquella, de que usava, quando em Pariz me encontrava, e eu fazia por escapar-lhe. Lastimou a fraqueza * d'El Rei querer estar por tudo o que os Inglezes a tórto, e a direito quizessem; chegando-me a dizer — «Que se os ditos Inglezes Lhe pedissem a cabeça d'elle Pamplona, não estranharia fazer-lha. El Rei tirar; nã o obstante ser elle (pouco

* Deplorava a fraqueza de hoje El Rei querer estar por tudo o que queriam os Inglezes; porque se tratava de o pôrem fóra! mas não deplorava nem deplorou a fraqueza de se Elle ir acolher abordo de uma nau Ingleza, havendo naus Portuguezas no Tejo! e isto então por seu conselho, e da sucia: o caso era, porque se projectava apanhar o Senhor Infante!!!

havia) quem lhe puzera o sceptro nos mãos, como S. M. Mesmo confessava! Que tivesse eu cautela com Elle, e que não roesse Elle a palavra, e desdisse aos outros o que tinha dito a elle Pamplona! Que se elle não fosse, não estava decidido o meu negocio, assim mesmo como estava, pois era elle quem dissera a El Rei — « Senhor, he preciso V. M. Dizer se o que allega F..... he, ou não verdade: la por fóra he constante, que elle estava encarregado por V. M. de varias commissões particulares, e que despendia com ellas largas sommas. » Que El Rei, em consequencia, lhe dissera — « Passasse as ordens necessarias para se me pagar. »

Eu não podia crer tudo isto; porque não podia fazer uma idéa tam desgraçada de S. M.; muito mais tendo o Mesmo Senhor, á Sua chegada do Brasil em 1821, so por um simples Memorial, e sem Documento algum, mandado ao Conde de Barbacena (então Ministro dos Negocios Estrangeiros) passasse as ordens necessarias para se me pagar o que eu pedia.

Contou-me mais — « Que quem fomentava toda a intriga para o deitarem fóra, era D. José Luiz de Souza, e o Palmella, accrescentando, que era a paga, que lhe dava o dito Palmella; porquanto em Villa-Franca, tendo-lhe S. M. offerecido ser Primeiro Ministro lhe respondera — « Senhor, V. M. ahi tem o Conde de Palmella, eu contento-me com viver retirado; mas a querer servir-se do meu pequeno prestimo, ficarei somente Secretario dos Negocios da Guerra. » Que S. M. lhe dissera — « Não, o Palmella nada fez, foi Vossê, a quem tudo deyo: o Marquez de Ponte-de-Lima ja foi Ministro Assistente ao Despacho; ja o foi o Conde de Villa Verde, e o Marquez d'Aguiar; por tanto deve-o tambem ser agora o Conde de Suberra. » Que aceitara, aindaque com muita repugnancia; mas que ja tinha pedido a sua demissão por varias vezes, ao que El Rei não annuira. »

Nas differentes praticas, que tive com o mesmo Pamplona, expuz-lhe — «Que era uma desgraça, que sem provas, e o mais gratuitamente, tivessem metido na cabeça a S. M. ser eu differente do que fui sempre para com o Mesmo Senhor; porêr elle respondeu-me — «Não, Sñr Carneiro, eu quando fallo a seu respeito com S. M. sempre me diz, o tem servido optimamente; o unico espinho, que creio, Elle conserva, he o ter V. S. publicado aquellas Cartas.....» Isto he, queria dizer elle Pamplona, que o peor contra mim erá ter eu publicado umas Cartas, em que dizia a El Rei, entre outras cousas — «Que o Conde de Palmella dava em Pariz 20000 fr. a elle Pamplona, a titulo de redactor de um certo *Contemporaneo*, e o communicar eu a El Rei as tramas, e planos, que elle Pamplona forjava com os Socios das Côrtes, e o ter divulgado, e feito ver ao mundo inteiro, o que elle trabalhava, e os Socios ás escondidas, contra a Dynastia de Bragança!» Eis o espinho que El Rei tinha, isto he, o *Reis Effendi*!

Andava-me promettendo (havia dias) — «Que diria a El Rei me dêsse uma audiencia particular, e que lhe *metesse eu medo com os Inglezes* (proprias palavras) por ser este o modo de o levar!» Ora graças, á ordem das cousas, que ja se me inculcava, e vendia, como uma graça especial, aquillo que eu tinha, outro tempo, familiarmente, e quasi todos os dias com El Rei! Bem persuadido estava eu ser elle Pamplona quem evitava, e se oppunha a que eu fallasse em particular com El Rei, e que fôra elle, e os seus terrores (que hoje confessava levarem El Rei) os que o fizeram involuntariamente praticar o que praticou na primeira noite, que me viu. Porêr a razão d'esta mudança, e até mesmo de fallar-me em audiencia particular, era suppor elle Pamplona depender ja da minha conferencia com El Rei; pois sabia, e conhecia as minhas idéas, livres de partido algum, e o quanto cioso era, e sempre fui de que S. M.

tanto em sua Casa, como em seus Domínios, governasse, como Soberano Independente. Eu desejara, e tivera por um serviço da primeira ordem a Portugal, que o Governo Inglez houvesse officiado para lançar fóra do Ministerio Portuguez um homem que escandalosamente tinha trahido a sua Patria, quando os destinos de Portugal estavam identificados com os destinos da Gran'Bretanha, e de seus exercitos: isto seria muito justo, muito decente, e até conforme a todo o Direito das Gentes; mas não queria que o pozessem fóra; porque mandava ao Rio de Janeiro, fosse quem fosse, em nome, e por ordem do Soberano: isso feria o amor proprio, e o da independencia nacional de todo o bom Portuguez *. Quanto mais, que o systema ficava; poisque o Ministerio foi proposto, e feito por elle, e até mesmo requintou a corrupção, e a intriga, como se verá na segunda epoca.

Dous dias depois, achando-me em sua casa para fallar-lhe, subiu o Torres, que tinha sido Ministro da Marinha, em tempo das Côrtes, com quem estive conversando algum espaço, e chegando o Pamplona, deixei-os fallar, retirando-me para a sala immediata; e como a porta estivesse aberta, entre varias cousas que ouvi da pratica, foi dizer elle Pamplona ao Torres — « Que o tinha lembrado, e proposto a S. M., accrescentando haver sido seu companheiro no tempo das Côrtes, e que o affiançava a S. M., etc. » Estes foram os primeiros dados, que tive do Ministerio. estar feito, ou forjado.

Sahiu o Torres, e entrando eu, disse-me o tal Pamplona com o seu costumado descaramento — « Estou certo que V. S. tem mais pena, e sente mais que eu, a minha sahida do Ministerio; e de certo, que a deve sentir. » He onde pode chegar a filaucia, e a hypocrisia! com effeito, se elle me

* A razão porque se officiaa n'esta epoca, e não em outra, he porque agora era apoiado por aquelles que queriam o lugar vago!

desejasse servir, ainda estava a tempo, como esteve, para despachar quem quizesse, até mesmo depois que sahio do Ministerio. Perguntou-me — « Onde quer V. S. ser empregado? » Respondi-lhe — « Onde S. M. quizer, e me achar capaz. » Tornou-me elle então — « Olhe Sñr. Carneiro, hei de dizer a S. M. que deve ir Ministro para Viena; pois estou persuadido, que nenhum outro deve estar ao pé de S. A. » Ao que respondi — « Eu não ambiciono tal; no entanto, se S. M. achar precisa de mim, a tudo me sujeitarei. » E conhecendo eu a pouca sinceridade, com que elle me fallava, e tratava, disse-lhe — « Eu, a que me obrigo he a fazer a conciliação entre o Senhor Infante, e V. Ex.ª. » Ao que me respondeu muitas cousas assás fortes — « Que nada queria com Elle, e que a vir Elle a Portugal, elle Pamplona sahia logo; dando-me mesmo a entender o maximo de atrocidade, e accrescentando em ar de desesperado — « O maior favor que qualquer me faria, era faze-Lo desaparecer! E como me visse o semblante alterado, mudou de conversa, dizendo-me « Olhe Sñr. Carneiro, penso agora que será melhor ir Ministro para Petersbourg, pois precisa-se la de gente capaz, e he necessario tirar da dita cidade o *agente* do Palmella. » Acabou com dizer-me — « Apparecesse d'ahi a tres dias, que elle ia ter com El Rei uma audiencia a este respeito, accrescentando — « Dou-lhe a minha *palavra de honra* que ha de ser despachado. »

Para mais infelicidade minha, tinha adoecido o Conde da Póvoa com um ataque de gota; e portanto, viu-se impossibilitado de mandar-me pagar, segundo me promettera.

Certo dia, em que o Pamplona dava audiencia na Secretaria-de-Guerra, onde eu me achava, vi entrar o Torres vestido com farda de Ministro d'Estado: cêssou a audiencia; e d'ahi a poucos minutos sahiram ambos: observei o caminho, que tomavam, e vi se dirigiam ao Arsenal-da-Marinha, a fim de embarcarem para o Alfeite;

como de facto embarcaram. Fui por curiosidade n'essa mesma tarde ao Arsenal, e notei (pouco tempo depois) que tanto elle Pamplona, como o Torres, desembarcavam de volta do Alfeite: meteu-se o dito Pamplona na carruagem, e quando esta ja ia rodando, como eu me achasse no caminho, perto da porta, attentou em mim, e mandando parar a carruagem, pareceu-me estar pateta, ou doido; porque ficou alguns minutos sem saber o que havia de articular; por fim, disse-me — « Sñr. Carneiro, tive um desmaio no Alfeite: os Inglezes conhecem bem a fraqueza d'El Rei! (e levou mais de meia hora a pronunciar taes palavras) mas acabou dizendo-me — « Appareça amanhã na Secretaria-da-Marinha para fallar-mos acerca do que sabe.

Fui á Secretaria no dia, proximo, e entrando para o gabinete, disse-me o mesmo Pamplona — « Saiba que ja não sou Ministro d'Estado. O Palmella com Sir W. A Court, queriam-me fóra do Ministerio; comtudo S. M., mesmo fraco como he, declarou-me — « Que a ir eu fóra, haviam de ir todos: accrescentando, escolhesse eu, e lhe propothesse os novos Ministros. » Dizendo-lhe eu então — « Que era pena escolher M^r de Neville esta epoca para ir para França, respondeu-me — « Que M^r Hide de Neville lhe tinha dito (havia tempo) — « Que se deixaria da viagem, e ficaria em Lisboa com a condição, que elle houvesse de reconciliar-se com o Palmella » Ao que replicara — « Que nunca se reconciliaria com um homem, que tanto o trahira até no momento, que mais seu amigo se mostrava » Disse-me tambem — « Que ainda não podera fallar a El Rei em particular, e que esta fôra a causa porque não tinha arranjado o negocio da minha missão; mas que estivesse eu descansado a esse respeito. » Emfim, divagou muito sobre a fraqueza d'El Rei; não se lembrando, que se Elle não fosse tam fraco, nunca os primeiros traidores seriam os Seus Primeiros Mi-

mistros! He de notar que tendo elle Pamplona dito, havia tempo — «Que sahia do Ministerio; que isto lhe não causava o menor abalo; que muitas vezes tinha pedido a sua demissão; que talvez eu o sentisse mais do que elle» e outras cousas mais d'esta natureza; agora, que realmente estava fóra, se mostrasse tão inconsolavel, e quasi lhe cuspasse a crer não era ja o primeiro no Reino!!!

Publicaram-se finalmente os novos Ministros, e ja se sabe que deviam, ser da mesma laia, e do mesmo systema! O Barradas (Ex-Ministro das Côrtes, e Membro dos mais dignos da Commissão, que se estabeleceu para devaçar, ao gosto do Pamplona, e Comp^a os acontecimentos de 30 d'Abril, etc.) para a Justiça. O Torres (Ex-Ministro igualmente da Facção das Côrtes) para a Marinha. O Lacerda (famoso Ministro da Policia no Porto, em tempo da usurpação, e acreditado, por ser o inimigo acerrimo da Rainha, e do Senhor Infante, e o campeão, ou esbirro na Commissão, que se estabeleceu para a devaça acima dita) para os Negocios do Reino. O estouvado D. Miguel de Mello (servil *rampant* das oppiniões, e intrigas do Pamplona) para o Erario. O Conde de Barbacena Francisco, por ser um automato, e por consequente, um denunciante do Senhor Infante) para a Guerra. E Silvestre Pinheiro, que fez o que se viu, e ve (na *Gazeta-Universal* de 12 de Outubro, nº 2, de 1822; no *British Monitor* de 8 de Dezembro; e na *Gazette-de-France* de 30 do mesmo mez, e anno, e que so por isso não deveria ja existir) interinamente para os Negocios Estrangeiros *, em quanto não chegava o seu digno, e homogeneo successor o Conde de Porto-Santo! D'este Ministerio se inferia que o corpo

* So d'esta Nomeação se podia ver clarissimamente o estado desgraçado, em que estava El Rei, e as vistas sinistras do Pamplona, e da sucia! Mas foi na Hespanha que lh'as descobriram, e que lhe iam custando caro!!!

do Pamplona sahira, mas não a alma: vi então o que poderia esperar, e observei como o Ministerio passado, não obstante intrigar para se pôr fóra o Primeiro Ministro, era iniciado, nos grandes *Misterios-do-Susto*, e se achavam todos compromettidos na grande obra, e serviço da conjuração contra o Senhor Infante, e no seu degredo! em uma palavra, eram *Confreres*; e portanto era preciso contenta-los todos, a pizar de se não gostar d'elles, por assim o mandarem as regras da *Confraria-do-Medo*. Eis porque o Padre Patricio foi feito Regedor; o Conde da Póvoa teve uma vida mais no titulo; o Palmella foi nomeado Embaixador para Pariz; e o Pamplona Embaixador para Londres.

He de notar, que estes dous despachos foram feitos por El Rei (segundo elle me deu a entender) pois estava bem persuadido que o Palmella prefereria residir em Londres, por haver quem la o quizesse (como depois El Rei me disse). A prova porém, que o Pamplona era pouco esperto, e que o seu antagonista o maçava, he, que desejando ir o dito Palmella para Londres, em preferencia a Pariz (visto achar-se ja a familia dos Souzas Coutinhos ahi *aclimatada*) Começou a fazer espalhar por alguns seus addidos, que o que queriam os Inglezes era apanhar la o Pamplona, e que depois, sabe Deus o que lhe fariam! E este homem sem mais critica, sem se lembrar, que a nação Ingleza não he uma nação de Selvagens, nem o seu governo tem o poder de despotisar o Corpo Diplomatico, mas sim a habilidade de o acariciar, e attrahir; ocorreu-lhe então ir para Hespanha (talvez o intimidasse tambem a consciencia, em razão de certo Folheto, que se imprimiu contra os Inglezes, e Sir W. A. Court) Foi pois nomeado Embaixador para Madrid, ficando assim vaga a Embaixada de Londres; no que o Palmella principiou a trabalhar.

Fui ainda procurar o Pamplona, porque notei que a

pezar d'elle não ser ja Primeiro Ministro, tudo o que queria se executava. Disse-me—« Que o que me poderia fazer era fallar a D. Miguel de Mello (pois eram amigos de Collegio) para me concluir o negocio do pagamento, mandado executar por S. M.; accrescentando, que em quanto ao lugar de Ministro, o peor era ter-se nomeado Silvestre Pinheiro interinamente para os Negocios Estrangeiros! (Sabendo eu ser elle Pamplona quem propozera semelhante homem para Ministro) como elle proprio me disse. Agora porém que via o quanto escandalosa era uma tal Nomeação, rompia em lamentos, julgando-me pateta!

He digna de nota a conducta, e filaucia de Silvestre Pinheiro. Este homem, que ja em outro Governo não tinha a cabeça em seu lugar, como viu que (a contrario) o nomeavam ainda; concluindo daqui não haver ja gente (nem de certo a podia haver para um Governo composto de semelhantes tratantes) empavonou-se, e foi á Bemposta beijar a mão a El Rei, e pôr-lhe as condições com as quaes aceitaria a Pasta dos Negocios Estrangeiros! entre ellas era uma Amnistia geral a todos os chamados constitucionaes! o processo ao Senhor Infante * etc. etc.!!!

Teve inda a fraqueza S. M. de lhe dizer — « Lhe desse dous dias para pensar n'isso, e que então lhe daria a resposta. » Ora como d'ahi a dias, fosse o Torres a casa do tal Silvestre Pinheiro perguntar-lhe — « Se aceitava, ou não a Pasta? Respondeu-lhe — « Se S. M. annuia, ou não ao que elle Lhe tinha proposto? » Tornando-lhe o dito Torres—« Que S. M. nada lhe dissera a esse respeito, respondeu então — « Que elle mesmo iria fallar a S. M., como foi; tendo até a petulancia de insistir na mesma : ao

* Que desaforo! E que desgraçada condição aquella em que El Rei se achava! Tinha-se tido cuidado em pôr fóra o Senhor Infante para se lhe poder dirigir uma tal lingoagem!!!

que El Rei lhe respondeu, dando-lhe a Mão, a beijar, mas voltando-lhe a cara. No dia seguinte passou-se um Aviso a D. Miguel de Mello, para tomar conta interinamente da Pasta dos Negócios Estrangeiros. Pondere-se á vista d'isto que tal era a marcha dos Negocios em Portugal!!

E quem ousará dizer, depois d'isto, que El Rei estava na posse, e na fruição de Seu pleno Poder, e Soberania? De que se compunha o Ministerio; senão de uns pseudo-constitucionaes, de uns chamados realistas? etc. O que se queria no Ministerio era gente inimiga declarada do Senhor Infante, da Rainha, e da Monarchia, ou que houvessem dado d'isso provas; o mais não importava!!!

Fui ter com El Rei, e expuz-lhe o desarranjo, e tortura que me fazia esta mudança de Ministerio, na epoca, em que o Ministro da Fazenda me tinha promettido pagar — « Que rogava a S. M. Quisesse Dignar-se ordenar ao Novo Ministro da Fazenda me ultimasse o pagamento, como S. M. Tinha Mandado ao seu antecessor. » Respondeu-me — « Que o Pamplona podia informar D. Miguel de Mello do estado do negocio, que tinha sido decidido, e mandado pagar; que lhe dissesse eu mesmo, da Sua parte, assim o fizesse, accrescentando — « Vossê deve estar contente com a conducta do Palmella: elle gosta de estar so em Lisboa, como tem estado em Londres. » Ao que respondi — « O que estimo he que V. M. va conhecendo quem he respeitoso amigo de V. M., e se o que digo tem algum fundamento. » Apertando-me então a mão disse-me. — « Hei de sempre attende-lo, e confessar que he honrado. » Isto foi a 3 de Fevereiro, e tambem a primeira vez que, desde Outubro, e do dia, em que lhe eu fallara na Cerca dos Frades em Mafra, Elle me tinha fallado mais abertamente, e sem susto: seria talvez por se achar so comigo; pois foi ao entrar do passeio á noite, achando-me eu então so na

sala , e El Rei á porta do jardim : fa-lo-hia assim de proposito (como me quiz parecer) para evitar se chegasse alguem.

Fallei com o Pamplona, e contei-lhe o que passara com S. M. Respondeu-me: — « Hontem á noite mesmo , ordenou-me El Rei informasse D. Miguel de Mello tocante ao seu negocio; o que á manhã faço em minha casa; porque vem jantar comigo: até lhe fallarei acerca de V. S. ir para Petersbourg; pois he elle quem tem a Pasta dos Negocios Estrangeiros.

Ficou El Rei com tal quigila ao Palmella, que um dia, eu mesmo lhe vi fazer uma grande desfeita; foi em 21 de Fevereiro : achava-se El Rei no Despacho com o Lacerda, chegou o Palmella ao Alfeite, e subiu todo empavonado pela escada que ia ter á sala, em que El Rei fallava; mas veio logo um Reposteiro dizer-lhe, que não podia subir, e o fez descer : passou então ao quarto do Conde de Villa-Flor, para aguardar que El Rei acabasse do Despacho; mas El Rei sabendo que o Palmella estava esperando, sahiu do Despacho, antes do Ministro, e tomou pelo jardim fóra, ficando os que alli estavam assás admirados. Seguiram-no as Princezas, para lhe perguntarem — « Onde ia jantar, pois eram ja tres horas, e meia? » Pôrem o que fez foi apressar mais o passo.

A desgraça era conhecer S. M. certa gente, ter-lhe até um odio eterno, e não obstante isso, empraga-los. Servia-se d'elles, ou antes deixava-se atraindo por elles, porque os temia!!! Disse-me o Pamplona — « Que havia fallado a D. Miguel de Mello, e que elle lhe respondera— » Que S. M. Mesmo lhe tinha ja fallado a meu respeito; mas que elle Pamplona lhe escreveria uma Carta (e que eu proprio lhe poderia fallar com ella)-o que fez (Veja-se esta Carta , Doc. nº 6.)

Fui ter com D. Miguel de Mello, e dei-lhe a dita Carta; mas sem embargo de ser a primeira vez que lhe fallava, logo vi quam mal creado era, e conjecturei o quanto teria a soffrer-lhe. Disse-me — « Precisava ver a papelada, que não jurava em *verba Magistri*, e outras extravagancias mais. » Respon-di-lhe — « Que o meu negocio estava ja liquidado, e mais que liquidado; e que o que se tinha mandado era pagar, e não rever o que levara tres mezes a examinar, e ja estava decidido. » Respondeu muitas das suas, e eu sahi.

Passados alguns dias fui ter com o Pamplona, e referi-lhe o que passara com o Novo Ministro da Fazenda, acrescentando — « Que a eu dar credito ao que elle me tinha dito, ia ter nova demanda, pois me fallava em examinar papeis, quando tudo estava ja examinado, mais que examinado, e definitivamente Mandado pagar por S. M. » Respondeu-me o Pamplona — « Que lhe fallaria, e que no emtanto ia escrever-lhe outra Carta, como fez, e m'a deu. (Veja-se a Carta Doc. nº 7.)

Eu mesmo levei a dita Carta, e entreguei-lha no Alfeite, a tempo que elle entrava no Despacho. Tornou a responder-me das suas, isto he — « Que *tinha ja dado duas bofetadas no meu negocio*, » e outras proprias de semelhante cabeça! — « Que estivesse eu descansado, que ia terminar tudo. » Fallei a El Rei narrando-lhe estas cousas, e pedindo-lhe — « Se Quizeſſe Dignar fazer-me concluir isto, e que se executassem as suas Reaes Ordens. » Respondeu-me — « Que falla-se ao Ministro da sua parte, dizendo-lhe Lhe lembrasse o meu Negocio no primeiro dia de Despacho. » O que fiz, remettendo-lhe a Carta (Doc. nº 8.) evitando ja conversar tal homem, por ver a sua muita extravagancia, e impolidez.

Eu sabia, e notava que o Pamplona fazia tudo o que

queria, posto estivesse fóra do Ministerio; o que não era d'estranyar, vista a ascendencia que tinha no espirito d'El Rei, e serem os Ministros creaturas suas.

Prova são d'isto os immensos despachos, que fez a muita gente, e a si mesmo; como foi apanhar (no tempo em que se não davam Commendas hypotecadas á divida publica) uma das melhores que ha em Portugal, e que andava outrora na casa d'Aveiro, chamada Commenda-do-Pinheiro, e a qual, dizem, rende 7:000000 de reis; além de obter uma vida mais no titulo para o Genro, e apanhar do Erario uma immensa somma. Porém depois do dia da conferencia, em que me deu a entender as suas facinorosas intenções acerca do Senhor Infante, e que me viu mudar o semblante, limitou-se a muita promessa: decidiu-se todavia a fazer que eu estivesse em Lisboa entretido em esperanças, e conservando sempre as apparencias, escrevendo-me Cartas para o Ministro etc. Sube não obstante depois que diziam — « Não fazia conta receber eu grande porção de dinheiro nas circumstancias actuaes. » De sua propria casa me foi communicada esta noticia por uma mulher, que o ouviu áquella que dava leis a elle Pamplona. E que não faz obrar o medo aos scelerados!!! como se a minha divida fosse dinheiro, que podesse fazer algum movimento, ou comparar-se com os milhões, que se despendiam para atraçoarem o Senhor Infante, e a Nação? Emfim, se um dinheiro, que eu tinha avançado para o serviço de S. M., e que se me devia, houvesse de ser sacrificado a caprichos de intrigantes, e malvados!!!

Um dia, vespera de sua sahida de Lisboa, Ilie disse — « Creio que V. Ex.^a não ignora os serviços, e capacidade de meu Irmão, e que tendo todos os que foram na commissão, e alçada á Madeira, sido contemplados por S. M., so meu Irmão, o não foi; sendo aliás elle, o que ha feito, e

está fazendo os maiores serviços. » Respondeu-me o tal Pamplona — « Tem razão Sñr. Carneiro : agora mesmo me occorre isso ; valha-me Deus ! sou muito obrigado a seu Irmão, pois me tem mandado, e á Condeça varios mimos. » Que me dizem do maganão ! Partiu enfim para Hespanha acompanhado de uma boa escolta, e de 300 caixões, aquelle que governou El Rei, e os Portuguezes como nunca Soberano, ou homem algum tem governado em Portugal ! Aqui finda a 1.^a epoca do meu fadario.

SEGUNDA EPOCA.

Continuei com D. Miguel ; mas como este estava de intelligencia com o chefe, andou-me entretendo tres mezes, dizendo-me um dia uma cousa, outro dia outra opposta á primeira : havendo-lhe eu aturado todos os desaforos imaginaveis, ao cabo de tres mezes remetteu tudo para o Ministro dos Negocios Estrangeiros, dizendo-me — « Que isto lhe não pertencia ! » Advertindo-lhe eu que S. M. Tinha mandado positivamente que se me pagasse, respondeu-me — « Que S. M. não Sabia o que queria, nem o que Mandava !!!

O Ministro dos Negocios Estrangeiros, além de entrar no conloio arranjado com o Pamplona, era um sujeito, que 20 annos antes, fazia em Lisboa de Secretario dos clubs do Palacio-das-Necessidades ; era inimigo declarado d'El Rei ! e a não ser um casamento feito por uma Viscondessa, nunca elle iria para o Maranhão, e depois para Angola. Ora como elle tivesse obtido ser comprehendido em o numero dos Enviados ao Congresso-de-Viena (gracas a perspicacia do Conde da Barea) e na sua passagem por Londres visitasse certa Personagem, em occasião que eu alli me achava, e se lhe procurasse por S. A. R. o Principe Regente ; começou a vociferar o mais escanda-

losamente! devendo aliás, até por decencia, calar-se, lembrando-se era seu Representante, ou ao menos suspeitar, ou desconfiar se acaso os meus sentimentos seriam, ou não, análogos aos seus. Eu que sempre fui consequente em conducta para com o meu Soberano, especialmente depois que por sua alta bondade me confiou muita cousa, e me honrou com o titulo d'amigo; participei isto a S. M., como lhe participava tudo (razão porque me temiam, e odiavam os Ministros) o que o tal Ministro dos Negocios Estrangeiros veio sem duvida a suspeitar, ou conhecer; porque El Rey não era dos mais escrupulosos em comprometter os seus amigos. Eis aqui pois quem estava encargado novamente do meu negocio!

Não obstante isto, não o dei logo por suspeito; visto acharem-se todas as minhas reclamações liquidadas, e mais que liquidadas, e terem havido não menos que duas ordens expressas d'El Rei para se me pagar; portanto, não podia suspeitar até mesmo a possibilidade de me contrariar mais tempo; comtudo o tal Ministro, querendo mostrar-me a alma que tinha, começou-me com *chicanas*; mas de tal natureza, que mostrava estar pateta, e sem critica alguma; advertindo, que me tinha dito no primeiro dia que lhe fallei — «Que o meu negocio era um *jogo do empurra*; visto que o pagamento não pertencia á sua repartição.» Ora como elle fosse iniciado depois no que relevava praticarem comigo, isto he, moerem-me, e entreterem-me eternamente; por isso tambem foi jogando comigo o tal jogo, que pouco antes tinha criticado: affectando de querer tambem, como o Pamplona, examinar do Conde de Barbacena o que se tinha passado em 1821; isto he, se era verdade, ou não o que eu dizia! E que tal era a *chicana*? Em vez de perguntarem isso mesmo a El Rei; pois despachavam com Elle, tomaram o pretexto de o procu-

rar ao Ex-Ministro Barbacena!! Foi esta a causa de eu lhe remetter a Carta (Doc. nº. 9.)

D'ahi a dous dias, isto he, na 2ª oitava do Espirito-Santo o procurei, e entrando para o seu gabinete, depois d'elle tambem divagar muito contra o Senhor Infante, teve a fraqueza de me ler, e mostrar a parte que levava escrita a El Rei a respeito do meu negocio, isto he, que eu produzia uns recibos de Hypolito José da Costa em uns bocados de papel, e sem serem reconhecidos pelo Consul Inglez. E que produzia mais Documentos de umas promessas de umas pensões, sem aliás ser por Decreto, mas so por Aviso! (*Expressão de que se servia a Facção das Córtes.*)

Confesso que quando acabou de ler isto, a não passar pelo corredor n'esse momento um criado, tinha-lhe deitado as mãos ao pescoço; pois ja a esse tempo não estava em mim; e isto por me parecer mais insulto, que patetice, similhante franqueza. Sahi d'alli, e quasi sem saber o que fazia, fui direito á Ajuda, onde se achava El Rei; mas achando-o então na Capella, assistindo á festa do Espirito-Santo, deixei isto para o primeiro dia de audiencia, que era sexta feira, em cujo dia fui á Bemposta, e disse a S. M. — « Que o Conde de Porto-Santo não so estava conloiado com os meus inimigos, mas até se servia agora de *chicanas* as mais pueris, e ridiculas para se oppor ao pagamento d'aquillo que S. M. Tinha Mandado pagar, e que melhor que ninguem Sabia deverse-me; que S. M. Conhecia muito bem a letra do Hypolito, e até elle Conde, pois pertencia á mesma sucia; que a primeira cousa que S. M. me tinha recommendado na transacção com o Hypolito, e nas outras, era o segredo; portanto, como havia eu de fazer publica uma cousa tal, mostrando-a ao Consul Inglez? Que em quanto a serem os recibos passados em

pequenas porções de papel, isso nada mudava a essencia do recibo, pois não consistia a sua validade na grandeza do papel. » Dei então a El Rei um Requerimento a este respeito.

He de advertir, que depois da sahida do Pamplona para Madrid, o Ministerio não tinha unidade alguma, nem mesmo aquella que possuia com elle Pamplona; porquanto, quando este se achava primeiro Ministro, como El Rei tinha n'elle uma confiança cega, era tudo dirigido por elle, eera a elle que tudo se dirigia; a contrario, achava-se agora o Ministerio composto de seis figurões sem nenhum d'elles possuir a confiança d'El Rei, e todos divididos, uns por serem Fidalgos, e desdenharem dos socios; outros por o não serem: e cada um na sua classe aspirando a ser o ~~valido~~ valido, e preferido; de sorte, que como o *magico* lhes havia deixado o segredo de *terror*, e *mais terror*, empenhava-se cadaqual em *distinguir-se com a sua fantasmagoria*. Um (como o Ministro da Justiça, e o outro do Reino) fazendo apparecer o Senhor Infante nas Raias de Portugal por via (ja se sabe) do seu *Polichinella Rendufe!* O da Marinha assegurava — « Que em Trieste, e Livourne se fallava em que certo Principe estrangeiro tinha embarcado para Lisboa! » O Ministro do Erario representava o Senhor Infante — « Gastando immensas sommas, com as quaes não podia o Estado! » O Ministro da Guerra, declarava a tropa affeiçãoada ao seu Generalissimo, e dizia — « Ser muito urgente o tomarem-se medidas rigorosas! » Finalmente, o Ministro dos Negocios Estrangeiros o pintava — « Em grande intimidade, e suspeita com os Principes d'Alemanha; e que se deveria ter cuidado com isto! » Ora eis o em que elles se empenhavam, e o em que faziam consistir o serviço do Estado! El Rei, no meio de tudo isto, temia-os, respeitava-os; mas com um respeito filho do medo, e de sorte alguma de affeição.

O Palmella assimque viu fóra de Lisboa o seu rival, cuidou em apanhar o lugar de Londres, que elle preferia ao de Pariz, por motivos que elle melhor que ninguem sabe. E o Silvestre Pinheiro (como ja não existia na Côrte o protector, aquelle, que lhe podia valer, e fomentar todas as suas insolencias) foi expulso de Portugal, com a nomeação de uma commissão idéal.

Como El Rei me dissera um dia ter dado as ordens ao Conde de Porto-Santo, e que lhe fallasse, procurei-o, e declarei-me o mesmo Conde—« Haver com effeito recebido as ordens de S. M. ; que se ia arranjar o pagamento das pensões, e ordenados pelo Erario, e que o resto, isto he, o que eu tinha adiantado para o serviço de S. M., me seria pago pelo cofre da Policia, pois d'esta sorte se me pagaria logo, e evitar-se-hiam as delongas, que podesse pôr D. Miguel de Mello. » O certo he que se combinou com a sucia, e com D. Miguel de Mello, e passaram um Decreto o mais original, que se viu, deixando-me a pensão de 2,800000 reis em branco! S. M. Mandou-me ir ter com Intendente (o que fiz) aindaque com toda a repugnancia, pois não podia conceber, como se me mandasse pagar por uma repartição aonde tanto tinha soffrido, e á testa da qual estava um inimigo meu, visto se-lo do Senhor Infante! quanto mais, que nada tinha com a Intendencia, nem o devia ter o dinheiro, que eu fizera avançar para o serviço de S. M., e que nas duas vezes, que El Rei Tinha Mandado pagar essa somma, fóra pelo Erario ; mas tudo isso era feito de proposito, e estudado pelo Conde, e Comp^a. Disse-me ██████ o dito Intendente « Que tinha recebido um Aviso acompanhado de vários papeis para se me pagar pela Intendencia certas sommas ; que o meu negocio estava clarissimo ; que assim podesse elle ter as suas contas tão bem liquidadas com o que ca fora despendia ;

mas que me dezenganava, que era impossivel pagar-se-me pela Policia semelhante somma, como a que se me devia, porque' o cofre da Policia estava muito sobrecarregado, visto ter Agentes em todas as Côrtes da Europa *, e mesmo na *America* **, com os quaes fazia grandissimo gasto; que me aconselhava pedisse eu a S. M. o mandar-me pagar pelo Contrato-do-Tabaco, ou pelo Terreiro-Publico, sem todavia dizer-lhe fôra sua a lembrança. » Admirei-me da franqueza, ou para melhor dizer da inconsideração com a qual me fallava um homem, de quem eu tinha a peor idéa, e admirei-me muito mais fazer elle galhardão d'aquillo, que n'outro tempo deveria ser não; so um segredo mas um attentado de dizer, tinha Agentes em todas as Côrtes da Europa, e mesmo da *America*! Porém isto era proprio de um tal Intendente! Agentes que se reduziam a ter por fim affectar que vigiavam as acções do Senhor Infante, ou por outra, arranjar historias, e partes, com que todos os correios se podesse moer, e entreter El Rei no *terrorismo*!

Fallei a El Rei, e disse-lhe o que tinha passado com o Intendente, rogando-Lhe — « Me quizesse mandar pagar, ou pelo Contrato-do-Tabaco, ou pelo Terreiro-Publico. » E dous dias depois tornando-Lhe a fallar, me disse—«Tinha

* Custará a crer isto, a mim custava-me até ouvi-lo, pois via por isto o estado em que El Rei se achava, e a Nação!!

** Vinha a confessar assim como uma criança tinha Agentes, e Espiões no Rio de Janeiro. Era galante, e curioso procura-lo nos dias, que elle chamava de *Correio-Estrangeiro*; porque nos taes dias se mostrava muito occupado, e affanado com as Correspondencias Estrangeiras! Quando se viu um Intendente da Policia fazer tanto de *Polichinella*? Pôrem estava Portugal reservado para ter em 1825, e 1826 dous Ministros dos Negocios Estrangeiros, um para tratar com os seus Plenipotenciarios, ou Esbirros, que cuidavam em arranjar historias, que se lessem a El Rei todos os correios! outro que tinha ido, sem o chamarem, nem mandarem, a *Leyback* inculcar-se por acerrimo defensor da legitimidade, para empregar, e despachar os Carbonarios, e os inimigos da Nação, e da Monarchia!

fallado com o Intendente, e que lhe tinha dado ordem, e até *pedido* ! (formaes palavras) para me arranjar o pagamento, e que lhe fosse fallar da sua parte.» O que assim fiz, e elle Intendente me disse — « Que S. M. lhe tinha fallado ante-hontem no meu negocio, e que elle ia cuidar n'isso, e no modo como se havia de fazer o pagamento. » Disse-lhe — « Que esperava me não entretivesse, e me dezenganasse. » Respondeu-me — « Que estivesse certo, pois S. M. assim o Queria, e até mesmo lhe fallara n'isto *com empenho!!!* »

Andou-me entretendo muito tempo, agarrando-me na mão, quando fallava-mos; o que me admirava muito, vista a pouca sympathia, que entre nós existia; e o mais he, que um dia, que me conservava a mão apertada na sua, notei procurava fazer-me cocegas na palma, a fim de ver se me declarava da sucia!

Passados dias disse-me — « Estava cuidando em arranjar a minuta de um Decreto para se chamarem certas rendas do Senado á Policia, que n'outro tempo lhe pertenciam, e que então receberia logo o dinheiro; pois S. M. o tinha autorisado a fazer isto. N'outro dia disse-me — « Que tinha ido a Mafra, e ja tinha lido metade da minuta a S. M. Emfim andou-me (o tal Corregedor do Bairro-do-Castello, que fugira com o dinheiro da decima para Villa-Franca) entretendo, tres mezes, e moendo-me a paciência, dizendo-me, por fim, tinha remettido tudo para o Conde de Porto-Santo. Isto era no mez de Outubro, em que El Rei se achava em Mafra.

A respeito de Mafra, direi, que como o tal Pamplóna ja não existia para dar ordens em Nome d'El Rei, que não eram senão a sua vontade, e a de certa roda *Camarística!* quando El Rei foi passar a Semana-Santa em Mafra, fui eu para lá; por isso mesmo, que estava persuadido que a tal lembrança de sahir de Mafra, em Outubro do anno passado,

não era nem podia ser d'El Rei ; muito mais depois do modo, como eu via Elle me tratava ; quando ao pé d'Elle se não achava um dos tres!!!

O Certo he, que no dia , que cheguei a Mafra, achando-me na Sacristia, quando El Rei passou para a Capella-Mor, dirigiu-me a palavra ; mas como eu o não comprehendí , e desejando comtudo saber se seria alguma ordem, que S. M. me intimasse, procurei o Conde de Parati, que estava de semana, rogando-lhe — « Quizesse procurar a S. M. se me tinha o mesmo Senhor Ordenado alguma cousa, poisque não tendo ouvido bem o que me tinha dito, dezejara saber se seria alguma ordem, que me dêsse. » No mesmo dia á noite me disse o dito Conde — « Que o que S. M. me tinha dito era unicamente cousa de comprimento : com o que fiquei mais socegado ; porquanto depois do que tinha visto, no primeiro dia que fallei a El Rei na minha chegada a Lisboa, e do valor, e apreço, que se dava á minha presença, de tudo desconfiava ; muito mais sendo El Rei a cada momento atenuzado, e assaltado com fantasmas!!!

No dia seguinte beijando eu a Mão a El Rei , Elle Mesmo me disse—« O que eu outro dia disse a Vossê não o entendeu, porque eu fallo-lhe sempre ás furtadelas!!!» Ora ouvir eu isto a El Rei, fazia-me raiva, e compaixão: raiva por ver um Soberano, que não tendo mais que Deus a quem era obrigado a dar contas, estivesse soffrendo tal! E compaixão, por lastimar o systema debil, e nervoso, que a natureza lhe dera, e que não estava em Sua Mão mudar ; por isso cheio de terror, e susto, os soffria!!!

Todas as vezes, que eu fallava a El Rei via-o lutar entre sentimentos appostos, uns que o induziam a me querer mostrar aquelle agasalho, e acolhimento, que sempre lhe

mereci; e outros que o repelliam de mim, por causa do susto, e medo, que tinha dos que o cercavam (como por varias vezes observei) isto he, que no momento, em que S. M. se dignava apertar-me a mão e queria começar a dizer-me algumas expressões lisonjeiras, chegava-se o Camarista para mais perto, especialmente o Conde de [REDACTED] e o de [REDACTED], e S. M. mudava logo de sentimentos, e de physionomia! E tanto cuidavam estes malditos em me affastar d'El Rei, que no espaço de dezoito mezes, que estive em Lisboa, não pude ter uma unica audiencia particular do Mesmo Senhor; isto porque temiam a minha notoria franqueza, e me conheciam capaz (como era) de lhe fallar, como sempre lhe fallei; e porque até se lhes meteu em cabeça, que eu tinha vindo a Portugal fazer a reconciliação do Senhor Infante com Seu Augusto Pae!!

Tinha o Intendente, com a sucia, arranjado nas Provincias do Norte um homem, que se dominava o Senhor Infante, e por consequencia, como se parecia muito com S. A., varias pessoas lhe faziam a côrte, e todo o agasalho; havendo mesmo quem lhe dêsse o dinheiro que elle queria, sem se saber quem; mas eu suspeito, com muito boa gente, ser a Policia! D'esta sorte tomava-se o pulso á Nação, para se fazer, talvez, em caso de necessidade, ao Senhor Infante, o mesmo que (segundo referem alguns Historiadores) se fez n'outro tempo em Hespanha a El Rei D. Sebastião!!! Além de que, cumpria entreter El Rei no *terrorismo*!

Acabado isto, e sendo preciso novo alimento, arranjaram uma Proclamação, que se affixou em algumas esquinas de Lisboa, na qual se convidava a Nação a nomear a Rainha Regente, em quanto não vinha o Senhor Infante, etc. Um dia, que fallei a El Rei, e o vi sem ter ao pé de si os que me vigiavam, e temiam, disse-lhe — «Que

a dita Proclamação era forjada para o assustarem : que a prova d'isto era uma das taes Proclamações achar-se ainda (e havia ja tres mezes) em um lugar, aonde existia uma sentinella, e que era impossivel terem-na la posto sem intelligencia da authoridade. Procurou-me El Rei pelo sitio com muito interesse, creio para la mandar, ou fallar n'isso ao Intendente. Ora como El Rei se não contentava em saber as cousas, e tirar d'ellas o partido que podia, mas, de mais a mais, declarava a pessoa, por via de quem as sabia ; por isso augmentou a rixa, e odio contra mim. Confesso que fazia mal em ser tam franco; muito mais depois da experiencia, e do mau pago que tinha ; porém não estava mais na minha mão ; maiormente quando via um jogo tam pueril, mas que tanto mortificava, e afligia El Rei, e tanto o indispunha contra seu Filho !!!

Em consequencia do que me tinha dito o Intendente na ultima vez que lhe fallei; e por me persuadir que talvez fosse remettida a minuta do Decreto ao Conde de Porto-Santo, para elle officialmente a apresentar a El Rei, e depois fazer lavrar, e assignar o mesmo Decreto ; procurei fallar na Secretaria ao dito Conde de Porto-Santo, expondo-lhe que elle, quando mandara os papeis com um Aviso ao Intendente, me tinha dito — « Era porque d'este modo seria logo pago «no emtanto que me achava no mesmo estado.» Respondeu-me, negando tal ter dito ! Isto parecia ja feito de proposito para eu perder a paciencia, e fazer-lhe alguma. Disse-lhe somente — « Que me admirava muito, (vista a sua boa vontade para comigo) não fazer o mesmo que tinha feito o Conde de Palmella, de se dar por suspeito ! Respondeu-me como uma regateira *!!

* Tal violencia, e despotismo praticavam comigo, que sendo de uso

Passados dous dias, vi no Livro da porta, que se passara um Aviso, em que se nomeava um Official de sua Secretaria chamado José Maria Sales, para se entender comigo acerca das minhas pertençaes, e com quem poderia ter as conferencias, que quizesse: eu desejando ainda ver o fim d'isto, procurei o dito Official, o qual me appareceu, levando-me a um quarto, onde se achava papel, e tinta; e na primeira secção me deu logo algum opio, dizendo-me mal d'elle Conde! Aindaque para mim era o mesmo; pois não tendo eu por costume ser hypocrita com Reis, como o havia de ser com Officiaes-de-Secretaria?

Na segunda conferencia, ou conversa, disse-me—«Tinha ordem do Ministro para me pôr por escrito uns *queries* ou dúvidas, ás quaes diveria eu responder; e vendo-as eu, e vendo igualmente que não tinham por fim senão moer-me, e que tambem por ellas se via a *chicana*, o desaforo d'esta corja, e o estado, em que S. M. se achava (estado, que eu ja premeditava fazer um dia publico) disse ao tal Official da Secretaria — « Que me pozesse por baixo que as duvidas, eram mandadas pôr por S. Ex.* » Respondeu-me — « Que-lh'o participaria, pois de outro modo não ousava faze-lo — ». No dia seguinte disse-me — «Que o Ministro lhe não permittira pozesse serem feitas por sua ordem: de sorte que as mandava pôr, mas não queria que se soubesse quem tinha tido tam feliz idéa! *

em Portugal dar-se em qualquer Repartição, a certidão de algum Aviso, ou Decreto, quando se pede, até mesmo porque d'isso resultam emolumentos; requerendo eu ao Intendente se me passasse por certidão a copia dos Avisos-Regios, que lhe tinham sido expedidos a meu respeito, recusou faze-lo, dizendo-me — « Requerê-se á Secretaria-d'Estado : o que praticando eu, não se me deu Despacho algum, até o momento em que sahi de Portugal!!

* Tilam-me dito que o Conde de [redacted] tinha feito; e fazia grandes cousas; que se eu promettesse uma boa doze, se poderia resolver o negocio, que parava nas mãos do Conde de Porto-Santo: eu que queria ver-me fóra

Poderá suppôr o Leitor a qualidadé de objecções, e *chicanas*, de que nem elle mesmo desejava passar por autor. Farto porém de soffrer esta canalha, determinei fazer um Requerimento a El Rei, em que me queixava do Conde de Porto-Santo, e em que me queixava tambem de que S. M. consentisse, que um homem, que lhe tinha faltado ao respeito, e dito mal do Mesmo Senhor, fosse o arbitro dos meus interesses, d'aquelle que elle Conde sabia ter feito sciente S. M. da sua escandalosa conducta, dando-o por suspeito, e desde ja desistindo de toda, e qualquer pertença por via, e meio d'elle Conde de Porto-Santo. Em a noite que fallei a este respeito a S. M. Elle Mesmo me disse — *«Não diga nada a ninguem; estou no mesmo estado, ou peor que no tempo das Côrtes!»* — acabando com dar um grande suspiro! Estas palavras, e este suspiro me determinaram a pedir o meu passaporte, e a entregar aos meus credores a escritura de cedencia, que lhes tinha feito no mez de Maio, de todo o Direito, que tinha a ser embolsado pelo Governo Portuguez do que se me devia.

E para se ver ainda mais o estudo que fazia esta brejeirada em me contrariar, e moer; fazendo eu um Requerimento a S. M., em que dizia — *«Que visto eu desistir, como desistia, de toda, e qualquer pertença por via, e meio do Conde de Porto-Santo, pedia a S. M. me Man-*

de Portugal; mas com o men malfadado negocio decidido, prometti quatro contos de reis, e estava a cousa arranjada, a titulo de ser isto um presente para o Condezinho! Eu, para cautela, ja tinha feito figurar outra pessoa n'isto; porém como no Memorial, que era preciso dar, era indispensavel fazer menção do meu nome, depois de o ler o tal Conde, disse á Condeça — *«Que de nenhum modo queria entrar n'isto, sendo cousa minha; porque appareceria de certo isto no Padre Amaro! Como se eu tivesse negocios com tal Padre, e tal Jornal! Narro tanto este facto, como o de S. Vicente; porque me propuz dizer á risca o que passei em Lisboa nos 18 mezes de martyrio; e de mais, porque nunca julguei ser-me desairoso em um Governo de corrupção, e de facinorosos prometter dinheiro para executarem as ordens do Soberano, e pagar-se-me o que se me devia!!!*

dasse entregar todo, e qualquer Documento, e papel, que se achasse na Secretaria dos Negocios-Estrangeiros, e no poder do Conde de Porto-Santo; e como não levava o Requerimento R. M^{ce}! me foi dito — « Que não estava regular o dito Requerimento; e fazendo eu outro com um grande R. M^{ce}! me deram os papeis; mas não os principaes, que eram os recibos do dinheiro, que eu tinha dado por conta de S. M. Disse não sahia da Secretaria sem elles. « Respondeu-se-me — « Não haviam mais Documentos, e que de mais a mais o Official-Maior estava muito occupado, e não podia agora estar com isto. » Como me achava fraco, e estava determinado a ter os meus recibos, e a minha propriedade, fui almoçar, e voltei á Secretaria com tenção de não sahir sem os recibos; mas quando cheguei, ja tinham apparecido!!!

Cumpre saber, que todos os Ministros que estiveram encarregados de me pagar diziam-me — « Que S. M. era meu Amigo, e confessava o tinha servido muito bem, e me desejava servir! » Mas não me pagando elles, o que se collegia d'aqui? senão o que elles mesmos davam a entender, que El Rei nada podia, nem governava? (o que combinava com o que S. M. me dissera.)

Nesse mesmo tempo tinha eu outra lida com o Ministro dos Negocios do Reino acerca do que se me devia da Universidade, e que S. M. Tinha por muitas vezes Mandado se pagasse; fazendo até expedir a Carta Regia de 19 de Outubro de 1818 para este mesmo fim, Mandando igualmente o mesmo Senhor estranhar por um Aviso Regio, em data de 13 de Julho de 1819, a falta d'execução ás suas Reaes Ordens, e que se pagasse immediatamente; Dignando-se Mesmo S. M. o Senhor D. Pedro (então Principe Real) Mandar escrever pelo Conde de Rio-Maior ao Reformador Reitor, para que elle me fizesse pagar.

Andou-me entretendo o Ministro dos Negocios do Reino, ja se ve pela mesma razão acima dita, até que me levaram a S. Vicente para se offerecer um tanto (como se offereceu) pela conclusão do negocio; advertindo que concluindo-se os negocios por dinheiro, pela dita via de S. Vicente; quando se mencionava o meu nome, ja se não queria dinheiro!

Todavia cheguei a fazer uma obrigação, e a dei; mas não o dinheiro adiantado, como queria o então D. Prior de S. Vicente; e finalmente, depois de muito trabalho, e muita humilhação, expediu o Ministro Lacerda um Aviso ao Reformador Reitor nos termos seguintes (tendo sido preciso para isto, que eu tivesse ido saber a vontade do Reitor; visto ter-me dito o Ministro desejava ir d'acordo com elle: e este accordo era porque queria despachar, como despachou, o cunhado Thomé na Commissão a Londres, e por isso queria fazer a côrte ao Irmão do Ministro da Guerra á minha custa)

Ex^{ma}. R^{ma}. Sñr.

El Rei Nosso Senhor He Servido, que V. Ex^a. mande effectivamente pagar a Heleodoro Jacinto d'Araujo Carneiro a Pensão, que vence pelo cofre da Universidade de Coimbra, sem obstarem as reflexões expostas pela Commissão da Fazenda; o que participo a V. Ex^a. para que assim se execute. Deus guarde a V. Ex^a. Palacio de Mafra em 13 d'Outubro de 1825.—Assignado.—José Joaquim d'Almeida Araujo Corrêa de Lacerda.

Fui fallar com o Reitor depois que se lhe remetteu o Aviso, e me disse mostrando-mo — «Que o Aviso fallava na continuação da Pensão, mas não nos atrasados; que elle não tinha a menor dúvida, assimque recebesse as ordens, faze-las executar. Disse-lhe — «Que lhe pedia me desenga-

nasse, e dissesse, se isto ia a ter o mesmo fim, e execução, que tinham tido as repetidas ordens de S. M.; poisque, sendo assim, nem queria perder o meu tempo, nem tira-lo a S. Ex.^a? Respondeu-me — «Que a Junta da Fazenda da Universidade não se podia oppôr ás ordens de S. M.; a unica cousa, que poderia fazer seria dizer, não podia pagar tudo de uma vez, mas não recusar o pagar em prestações.» Fui ter com o Ministro, e lhe contei isto, a que elle me respondeu — «Que o espirito do Aviso era para se pagar effectivamente o que se devia, e continuar a pagar; porêr que se passaria outro Aviso. N'este meio tempo o tal Principal Reitor, que foi *creatura da Facção das Côrtes*, começou a querer punir pelas decisões das ditas Côrtes, isto he, que annullavam as Cartas Regias, e Decretos de S. M.; e por fim, entendendo-se com o Ministro, sahiu-se este com outro Aviso que, não obstante ser passado 12 dias depois do primeiro, lhe fez pôr a data anterior! Que tal escola, e lição se dava nas Secretarias d'Estado em 1825 para letras falsas, e para má fé!

Este segundo Aviso era o seguinte :

Ex.^{ma}. R.^{ma}. S.^{ra}.

El Rei Nosso Senhor, He servido que V. Ex.^a. mande effectivamente pagar a Heleodoro Jacinto d'Araujo Carneiro as quantias, que venceu, e não chegou a receber corresponsdentes á Pensão, de que S. M. lhe havia feito mercê pelo cofre da Universidade de Coimbra, sem obstarrem as reflexões expostas pela Commissão da Fazenda: o que participo a V. Ex.^a. paraque assim se execute. Deus guarde a V. Ex.^a. Palacio de Mafra em 12 d'Outubro de 1825.

Quem faz d'estas, he de suppôr haja feito outras analogas, e esteja habilitado para as fazer, até mesmo das de 6 de Março de 1826! Como ja referi, assimque conheci o

desaforo do Conde de Porto-Santo, e o estado, em que El Rei se achava, (dito por Elle Mesmo) cuidei no meu passaporte: mas como n'esse tempo se tivesse passado o Aviso á Universidade, e o Reitor me assegurasse se pagava, achei não devia sahir de Portugal, no momento, em que ia uma ordem para se me pagar pelo cofre da Universidade o que se me devia.

O Reitor, que me tinha dito — «Que assim que recebesse as ordens as faria executar, não obstante a alteração, que se fez no Aviso, por lhe querer o Ministro fazer a côrte; assim mesmo mandou o dito Aviso para Coimbra, não para ser executado, mas acompanhado de uma recomendação, e de uma minuta para a Junta da Fazenda a pôr na Presença de S. M., em nome da Universidade, e por via d'elle Reitor; a qual consistia, principalmente em dizer — «Não havia dinheiro.» E isto ao mesmo tempo, que elle me dizia — «Escusava de ir a Coimbra; pois bastava mandar eu uma Procuração a qualquer meu amigo para receber o dinheiro. Que corja de Tratantes!

Passados dias disse-me o Ministro — «Que o Reitor lhe tinha ido lá com um *autem genuit* acerca de não haver dinheiro na Universidade para pagar; que lhe tinha pedido licença para fallar a El Rei a este respeito, e dar ao Mesmo Senhor uma representação, que lhe tinha remettido a Junta da Universidade; mas que elle lhe respondera — «Não tinha que lhe pedir licença.» Que me aconselhava fallasse eu a El Rei, como fiz, e parti para Mafra. Fallei a El Rei, limitando-me (visto o estado, em que elle se achava, e que Elle Mesmo me tinha feito conhecer) a dizer-lhe — «Que o Reitor da Universidade, depois de me ter promettido faria executar as ordens de S. M., vinha com novas objecções, arrançadas por elle mesmo; mas feitas em nome da Junta da Fazenda da Universidade;

que eu so lembrava a S. M., que a Pensão da Universidade se me encontrava com o ordenado, que devia ter para o exercicio de Agente de S. M., qual fui por muitos annos em Londres, como se via da Portaria de 12 de Outubro de 1818, e da Carta Regia de 16 do mesmo mez, e anno.

Nessa epoca, e estada em Mafra concebeu um Camarista d'El Rei (dos mais compromettidos no desterro do Senhor Infante) o facinoroso projecto de seduzir um criado para me fazer atraçoadamente o que nem o criado, nem o amo eram capazes de fazer cara a cara. Conheci o principio d'isto pela conversa, que vi ter a um canto da Igreja o tal Camarista com o referido criado, apon-tando para mim, e fazendo muitas acções. A'noite quando voltei á estalagem (e era ja tarde) achei um sujeito deitado em outra cama no meu quarto, com a cabeça coberta fingindo dormir (seria então uma hora) conheci immediatamente a cilada, e disse ao criado da estalagem — « Não dormia n'aquelle quarto com pessoa, que não conhecia. » e obriguei-o a fazer-me outra cama na casa do jantar (como fez) fechando-me por dentro; e ja se sabe, que passei quasi toda a noite em claro. No dia seguinte parti para Lisboa, ordenando ao Bolieiro corresse para Cintra, afim d'evitar alguma emboscada, e de la continuei o caminho até Lisboa.

Passados tempos, para mais me entreterem, mandou o Lacerda um Aviso a Ricardo Raimundo com a chamada consulta da Universidade, forjada pelo Reitor, para elle dar o seu voto. Eu bem via n'isto muito bem a continuação do fadario, e do desaforo; todavia, cumpria-me ter paciencia, ou fazer por a ter. Dizendo eu um dia ao Ministro — « Que esperava elle que Ricardo Raimundo dissesse? » Um homem que tinha uma Pensão da Universi-

dade, dar o seu parecer acerca de uma divida, que a mesma Universidade, devia, e á qual faziam dizer — «Apenas tinha para pagar aos Lentes, e aos Ricardos Raimundos, etc. ? » Respondeu-me, segundo lhe pareceu. O certo he, que isto foi dirigido a Ricardo Raimundo, por ser dos Padres mais antigos, e dignos, a fim de que elle examinasse se me descobriria la nos Pergaminhos!!

A final deu o seu voto, e opinião, que era, como s'esperava : declarando-me porê m o Ministro — « Que S. M. lhe tinha dito, que a não poder pagar a Universidade, era preciso indemnizar-me por outro lado. »

Eu achava-me ja munido do meu passaporte desde a epoca, em que tinha visto o maximo dos desaforos do Conde de Porto-Santo, e que El Rei se tinha aberto comigo : porê m o ter-se-me assegurado que ia receber o que se me devia da Universidade, me tinha feito pôr de parte o passaporte : no emtanto com estas trapalhadas do Ministro Lacerda, e de Ricardo Raimundo, determinei tomar lugar no Paquete, e ir despedir-me d'El Rei, como fui; a quem dizendo — «Tinha ja tomado lugar no Paquete: S. M. me respondeu — «Fazia bem! posto me assegurava, que violencia publica nunca me fariam em quanto Elle fosse vivo: dizendo-me mais — «Va fallar ao Lacerda, que elle tem as ordens necessarias para ultimar tanto um, como outro negocio. »

E isto era porque eu em Mafra tinha dado pessoalmente um Requerimento a El Rei, em que lhe representara — « Que como os meus credores, e credores de S. M. eram negociantes, se satisfariam com se lhes conceder a entrada de 5000 moios de Trigo em Lisboa, livres de Direitos, e que com isso ficaria tanto uma, como outra divida salva: e por isso S. M. tinha dado as ordens ao Lacerda para isto se fazer; a quem procurando, e declarando-lhe eu —

tinha já tomado lugar no Paquete, e o que El Rei vinha de me dizer : me respondeu — «Que era verdade tinha recebido as ordens do Mesmo Senhor para tudo se concluir, e que me não devia ir por ora para fóra; que elle mandava chamar o Inspector do Terreiro - Publico, para lhe fazer um *rapport* acerca da necessidade, que poderia haver de Trigo estrangeiro. Deixei por tanto de sahir no Paquete, perdendo (já se sabe) o emporte da passagem. E por occasião de conferencias, que tive com elle, lhe remetti á Carta (Doc. nº 10.)

Andou-me entretendo, fingindo, e dando-me a entender — «Cuidava em ultimar isto : mas passados tempos me disse — «Que tinha pensado no negocio, e que lhe parecia que fossem so metade dos direitos livres, vindo a outra metade da divida a ser indemnizada no lucro, que havia de ter a venda do Trigo: consultei os correspondentes dos meus credores, e me disseram — «Aceitasse a offerta, que julgavam ficariam em Londres satisfeitos » o que assim fiz ; e terça feira 31 de Janeiro me disse o Ministro — «*Recebi as ordens positivas de S. M., que quer se lhe pague effectivamente, e vou já passar as ordens para esse fim.* » E terça feira 21 de Fevereiro disse-me — «Que para evitar gritarias acerca da importação do Trigo, tinha proposto a El Rei se me pagasse tudo pelo Terreiro, tanto a divida da Universidade, como a outra ; e que S. M. tinha annuido a isto : repetindo, que o Mesmo Senhor queria que effectivamente se me pagasse : e procurou-me — « Como lhe fará conta Senhor Heleodoro o pagamento ? ficará satisfeito de receber já 10 contos de reis, e o resto em prestações em 2 annos? Ao que respondi — « Que era preciso consultar os correspondentes dos meus credores ; que no entanto desejava se lembrasse, que so 30 contos da divida tinha sido dinheiro corrente avançado para o serviço de

S. M., e por sua ordem, o qual devia vencer juro. » E tendo pensado n'isto, e fallado aos ditos correspondentes, fui no dia seguinte procurar o Ministro, e disse-lhe — « Que os meus credores ficariam, sim satisfeitos com a proposta de S. E.^{sa}, mas que as prestações fossem regularmente pagas » Respondeu-me — « Que estivesse descansado, que o Decreto, que se passasse havia de ser assás claro, e que não admittisse duvida, ou equivoco algum; que era o seu costume, e era regra que tinha estabelecido, que o que se fizesse pela sua repartição não havia de admittir interpretação, nem duvida. »

Os meus correspondentes em Londres, a quem eu tinha remettido as copias das Cartas escritas pelo Conde de Subserra, por ordem de S. M., ao Ministro do Erario D. Miguel de Mello, nas quaes se via, e se declarava ter S. M. reconhecido a divida, e mandado paga-la; vendo, todavia, que passado tanto tempo, não recebiam remessa alguma, começaram a duvidar de tudo, e por isso se dirigiram a Lisboa, rogando a Sir John Doyle, quizesse pôr na presença de S. M. as copias acima ditas, e examinar se isto era assim, ou não; pois lhes parecia incrível, que sendo assim, não estivesse eu ja satisfeito; o que fazendo sir John Doyle, S. M. se dignou dizer-lhe — « Que tudo, que eu tinha mandado dizer para Londres a este respeito era verdade, assim como era verdade o que se continha nas Cartas do Conde de Subserra; que fosse elle Sir John Doyle fallar ao Ministro dos Negocios do Reino da sua parte, poisque elle tinha as ordens necessarias para se fazer o pagamento. » Sir John Doyle foi ter com o Ministro, e este lhe disse — « Era verdade ter recebido as ordens de S. M., para me fazer pagar, e que podia assegurar a Mess.^{rs} Dobree, e Filhos, que eu ia receber ja *uma boa porção*, e o resto em prestações. »

Todos os dias esperava receber os 10 contos, e o Decreto, em que se fixassem as prestações; porém passados 6 dias, me disse o tal Ministro — «Então como he que ficará satisfeito?» Respondi — «V. Ex.^a mesmo me fixou, e propôs receber 10 contos de reis, e o resto em prestações, e até o mandou dizer para Inglaterra» Respondeu-me — «Dez contos será muito, receberá 8 contos, e d'ahi a 4 mezes outros 8 contos, e assim o resto». Pode-se suppôr a impressão, que me faria esta continuada *chicana*, e falta de probidade, que seguiam estes Malvados!!! o Conde de Porto-Santo ja tinha negado o que tinha dito! E este igualmente se desdizia agora! Em consequencia, escrevi-lhe a Carta. (Doc. n.º 11.)

He para advertir, que eu d'este esperava menos semelhante conducta: 1.º Por não ter tido com elle transacção alguma, como com o Conde de Porto-Santo. 2.º Por me ter d'algum modo fiado n'elle; pois até lhe tinha confiado o Requerimento, que tinha dado a S. M. contra o Conde de Porto-Santo; verdade he, por saber erão inimigos declarados! Porém que havia de ser, se elle era o capataz da commissão das Devaças contra a Rainha, e o Senhor Infante! e de mais a mais, tinha havido um conselho em sua casa, em que se decidiu — «Ser preciso entreter-me com esperanças, mas de maneira, que eu não desesperrasse!» Conheci isto tarde, aindaque de longo tempo o suspeitasse.

Enfim adoeceu El Rei, e eu lembrado do que Elle metinha dito, havia mez e meio, e que até em Lisboa corria, que estava morto, fui fallar ao Ministro, o qual me disse — «Que o Decreto estava na Pasta para se assignar, o que não podera fazer, por não ter tido despacho, na segunda feira 6 de Março, em consequencia da molestia d'El Rei; porém que descançasse, que havia de propôr o meu

negocio ao Governo, como uma cousa decidida, e ordenada por S. M. » Respon-di-lhe — « Que era obrigado a sahir de Lisboa, e que deixaria procuração ao meu correspondente. Disse-me então o tal Ministro — « Como hade querer algum dinheiro para a viagem, diga-me quanto precisa; pois isso posso eu já mandar-lhe dar; pareceu-me isto mangação, ou que elle mesmo tinha recebido por minha conta o que se me devia, e que S. M. tinha, por tantas vezes, mandado pagar. No emtanto eu queria-me ver fóra de Portugal, de um Paiz que estava sendo victima da corrupção, e da intriga; portanto respondi — « Que precisava 2 contos de reis. » Disse-me — « Pois bem, vou fallar com o Inspector do Terreiro para se lhe arranjar isso.

Como se declarasse a morte d'El Rei sexta feira 10 de Março, e se seguisse o nojo, e depois a Seniana-Santa, sem aliás o Ministro cuidar em me fazer o que me tinha offerecido; e lembrado eu do que S. M., haviam dous mezes, me tinha dito, e do que me tinha feito, e desejava fazer a corja de Palacio, me determinei a sahir (como sahi) de Lisboa em 29 de Março no Paquete Inglez *Marlbroug*, tendo escrito ao Ministro Lacerda, dous dias antes de sahir, a Carta. (Doc. nº 12.) Sem aliás fazer menção da minha sahida; por isso que os temia, e que sabia me não queriam ver fóra de seu alcance.

Remetti-lhe d'Inglaterra a Carta (Doc. nº 13.) acompanhada da Carta (Doc. nº 14), que me dirigiu Sir John Doyle: e indo o correspondente dos meus credores (a quem tinham remettido uma procuração, para demandar o que se me devia, em consequencia da cedencia, que lhes tinha feito em Maio do anno passado) levar as ditas Cartas ao Ministro, na longa conferencia, que teve com elle, se sahiu o tal scelerado, e impostor em responder o

que se ve na Carta (Doc. n.º 15). — Que os meus correspondentes me remetteram a Pariz, a qual não serve senão para complemento de fazer conhecer ao Publico a canalha, que governou Portugal, e o quanto lhe soffri!!!

Estava tudo liquidado, a ponto de se me offerecerem, por elle mesmo Ministro, 10 contos de reis, e o resto em prestações de dous annos. Disse-me depois — « Estava o Decreto na Pasta, mas se não assignara pela razão d'El Rei adoecer » Disse-me mais — « Havia de propôr ao Governo isto, como uma cousa decidida, e ordenada por El Rei. » Chegou-me até a offerecer dinheiro á conta para a viagem, procurando-me quanto precisava? E agora que estou fóra do alcance das suas ciladas, e da sucia, diz — « Que El Rei, sim reconhecera a divida, mas que era preciso que eu produzisse os Documentos, ao menos parte d'elles! quando, não so produzi quanto elle quiz imaginar, e que deve ter em seu poder, mas elle mesmo o confessava, quando dizia a Sir John Doyle participasse aos seus correspondentes de Londres, que eu ia receber *uma boa porção*, e o resto em consignações; e que me dizia que o Decreto estava passado, e na Pasta para se assignar, etc. etc. »

FIM.

DOCUMENTOS.

Nº 1.

Aos doze dias do mez de Fevereiro de mil oito centos vinte e dois annos, em o sitio de Bellem, Freguezia de Nossa Senhora da Ajuda, e casas da morada da Testemunha, abaixo declarada, onde eu escrivão vim para effeito do mesmo ser inquirido pelo inqueredor d'este Juizo João Antonio Pereira Vianna, cujos se-gnomes, e ditos se seguem; e eu Joaquim Rebello de Lima Aragão escrevi.

Gregorio Gomes da Silva, cavalleiro Fidalgo, Comendador da Ordem de Christo, e da Conceição, Official-Maior da Secretaria d'Estado dos Negocios da Guerra, idade cincoenta e seis annos, Testemunha jurada aos Santos-Evangelhos, e do costume disse nada.

E perguntado elle Testemunha pelo contheudo no primeiro item da Petição do Justificante Heleodoro Jacinto d'Araujo Carneiro disse nada, nem do segundo.

E do terceiro disse, que he verdade que elle Testemunha na qualidade de Official-Maior dos Negocios da Guerra, que na-quelle tempo servia como tambem d'Official-Maior dos Negocios Estrangeiros sabe ser verdade o ter tido ordem do Excellentissimo Conde de Barbacena para lavrar um Decreto sobre a entrega de certa quantia de dinheiró para o receber o Justificante: cujo Decreto, com effeito, se lavrou; porém ignora se com effeito se assignou, e a quantia de dinheiro sobre que elle versava, e mais não disse d'este; nem do final; e assignou com o inqueredor; e eu Joaquim Rebello de Lima Aragão o escrevi.

Gregorio Gomes da Silva.

João Antonio Pereira Vianna.

Nº 2.

Extracto essencial das Instrucções do primeiro de Dezembro de 1821, dadas por Silvestre Pinheiro a João Francisco d'Oliveira, como Encarregado de Negocios na Côte de Londres.

..... « Que se o Governo Inglez annuir ás pertencções dos
« Alliados do Norte, e se não oppozer a ellas; formal, positiva,
« e muito publicamente, lho fará sentir, não omitindo o fazer
« entrar n'isto mesmo a massa da Nação; que a consequencia
« d'este abandono da nossa antiga alliada será formar entre os
« dous povos da Peninsula, uma união, que não podendo ter
« firmeza senão *pela fusão de ambos em uma so Nação, debaixo*
« *de uma so Constituição, e um so Governo*, resultará infallivel-
« mente mal-lograrem-se todos os esforços dos seculos passados
« feitos com o fim de se evitar aquella união; ao que accresce,
« que não podendo-se verificar este phenomeno politico sem
« preceder abolição de uma das *Dynastias Reinantes*, e talvez
« *ambas* para ceder o lugar a um novo Governo, por ventura
« conduziria este fatal desfecho a tomarem os dois Congressos
« o partido de que a Historia nos offerece mais do que um exem-
« plo, de se ir chamar para chefe do Poder-Executivo, Persona-
« gem d'alguma das *Dynastias da Europa*, que desposando
« d'este modo os interesses da Peninsula, trouxesse em seu ap-
« poio uma força effectiva, com que provavelmente não teriam
« contado os Soberanos, &c.!!!....

Nº 3.

Pantin près Paris, 6 de Julho 1818.

Ill^{mo} Senhor.

Sabbado 4 do corrente voltei ao seu alojamento de Pariz para lhe levar o volume, que lhe tinha promettido, e para fazer uma commissão, de que minha mulher me tinha encarregado, e fiquei bastantemente admirado de me dizer a Porteira, que n'essa

mesma manhã tinha partido para Inglaterra. Permitta-me pois que eu me aproveite do *adresse*, que me deixou para cumprir com a commissão, que levava quando voltei a buscar a V. S^a. ; como me disse que estimaria que nós vissemos a sua menina, e a trouxessemos para casa alguns dias de sueto para a distrahir, ia-lhe propôr de trazer aqui a menina a jantar, antes da sua partida, para fazer conhecimento, e assentar-mos em como isto se havia praticar para o futuro : a sua ida repentina obstá a execução d'este plano, e como ignoro qual seja a Pensão do *Fau-bourg-Poissonniere*, em que ella se acha, e se V. S^a. deixou algumas ordens a este respeito, e nós temos realmente vontade de o obsequiar *independentemente de qualquer motivo interessado*, rogo-lhe, que sendo realmente da sua vontade que vejamos a menina, me faça o favor de me mandar dizer o nome da Mestra da Pensão, em que ella se acha, e o numero da casa, e quaes são as ordens que deixou a este respeito, para nos conformarmos a ellas. Supponho que a menina terá bastante utilidade, mesmo para a sua saude de ter um refrigerio bem necessario a pessoas da sua idade, e que, como compatriotas, teria-mos n'ella todo o cuidado, e he bem sinceramente, que lh'offerecemos. A minha *adresse* he à M^{te} de Pamplona — *Pantin près Paris, à Paris*.

Desejo-lhe fizesse bem a sua viagem, e estimarei saber se continúa no projecto de passar brevemente ao Brasil para buscar meios de lhe remetter os papeis, que tratamos, e creia que terei n'este particular toda a discrição, que me recommendou para com todos sem excepção, e que sou

De V. S^a

Att^o v^{or}, e obrig^{mo} servidor,

M. J. M. PAMPLONA.

Encarreguei-me de lhe fazer o que costumo, quando posso, aos desgraçados, como então era o Pamplona, isto he, levei-lhe ao Rio de Janeiro em 1818 um Requerimento, e varios papeis para se pôem na Presença de S. M. acerca dos Direitos, que Sua Nora tinha aos Bens de seu Pae, que aliás se achavam confiscados, pelo crime, e sentença contra elle Pamplona, e sua Esposa. Fiz-lhe isto, porque n'esse tempo não receava que pessoa alguma tivesse a ousadia de desfigurar as minhas acções ; visto conhecer-me El Rei, e estar então livre para me conhecer ; o que não

Nº 4.

Ill^{ma} Ex^{ma} Senhor.

S. M. Dignou-se Dar a V. Ex^a o meu Requerimento, e encarega-lo do despacho d'elle: ora se V. Ex^a diz desejar-me servir, porque me não faz V. Ex^a o serviço, e graça d'apresentar a S. M., como me prometteu em Mafra, o meu Requerimento, e procurar ao Mesmo Senhor se he verdade o que eu allego n'elle?

Como pode precisar V. Ex^a, que o Senhor Conde de Barbacena lhe diga o que S. M. ordenou em 1821, quando V. Ex^a despacha todos os dias com o Mesmo Augusto Senhor?

Acerca do negocio do Hypolito, V. Ex^a tem dados, que não tinha o Senhor Conde de Barbacena, tem recibos, e tem ordens em nome de S. M. passadas pelo Intendente Geral da Policia, que S. M. escolheu, e podia escolher para este negocio, assegurando-se-me em Nome do Mesmo Senhor os pagamentos. E emquanto ao emporte do que levou meu Irmão, isto foi dado em mão propria a S. M., a Quem se não pedem recibos.

Porque me disse V. Ex^a, ha tempos, se arranjaria o negocio em consignações? ao ponto d'assim o ter ja participado aos meus credores a Inglaterra! e hoje transtornar-se tudo com difficuldades, que V. Ex^a mesmo pode destruir.

Rogo pois a V. Ex^a queira attender á minha situação, e levar á Presença de S. M. o meu Requerimento, como ja em Mafra V. Ex^a me prometteu, pelo que será eternamente reconhecido.

De V. Ex^a

o humilde vnd^{or}, e' criado,

HELEODORO JACINTO D'ARAUJO CARNEIRO.

11 de Dezembro 1824.

aconteteu quando o dito Pamplona era Primeiro Ministro, e tudo em Portugal. No entanto não somente jamais puz os pés em *Pantin* aonde elle morava; mas até nunca pensei em deixar ir minha filha a casa de tal gente, condemnada pela Patria! sempre busquei pretextos para subtrahir-me ás suas intrusões; até sahi de Pariz sem nada dizer-lhe. Todavia fiz-lhe o serviço, que elle queria; mas correspondeu-me como se ve!!!

Nº 5.

Ill^{ma} Ex^{ma} Sñr.

V. Ex.^a deve-se sem duvida lembrar do rasgo de infelicidade, que me aconteceu em Julho de 1821, quando tendo S. M. El Rei N. S. Dado a V. Ex.^a o meu Requerimento, e dito ser verdade o allegado, e fizesse passar as ordens necessarias para se pagar, e que tendo-se passado o Decreto, V. Ex.^a no dia seguinte que havia de ir a Queluz ao Despacho assigna-lo, recebesse de S. M. á porta da Sé a sua demissão, isto tudo como mesmo V. Ex.^a me disse. Lembrar-se-ha igualmente do que ao depois me apou-quentaram os facciosos das Côrtes, exigindo que eu produzisse uma certidão, como S. M. tinha confessado dever-se-me o que eu allegava &c.: E que começando eu por querer obter de V. Ex.^a esse certificado, desisti d'isso, a pezar da minha situação, por ver tanto desejavam humilialo. — No emtanto V. Ex.^a deu-me a sua palavra, que em todo, e qualquer tempo, me faria os officios d'amigo, e diria a verdade, e tudo como foi, ao Ministro, que se seguisse a Silvestre Pinheiro.

Portanto Tendo S. M. Dado ao Senhor Conde de Subsera o meu Requerimento, e desejando este saber de V. Ex.^a o que se passou, espero da honra, e probidade de V. Ex.^a me queira fazer a graça de dizer ao Senhor Conde de Subsera a verdade, isto he, que em Julho de 1821 deu S. M. a V. Ex.^a o meu Requerimento, Dizendo ser verdade o que eu allegava, e ordenando-lhe passasse as ordens necessarias para ser pago, e que passado o Decreto se não assignara pelas razões acima ditas: pelo que ficará summamente obrigado a V. Ex.^a.

Este seu humilde servo,

HELEODORO JACINTO D'ARAÚJO CARNEIRO.

12 de Dezembro 1824.

Nº 6.

Il^lmo Ex^{mo} Sñr. D. Miguel Antonio de Mello.

Meu Amigo, e Senhor, o Portador d'esta he Heleodoro Jacinto d'Araujo Carneiro, sobre cujas dependencias fallei a V. Ex^a por Ordem d'El Rei Nosso Augusto Amo: Este sujeito foi encarregado por S. M. particularmente de diversas incumbencias na Europa, em quanto o Mesmo Senhor residiu no Rio de Janeiro, de cujas incumbencias dava conta directamente a S. M.; de modo, que em nenhuma Secretaria podem existir Documentos legaes para liquidar suas pertenções: n'estes termos tendo-me El Rei Mandado tomar conhecimento d'este negocio, na qualidade de Ministro Assistente ao Despacho, por se ter dado por suspeito o Marquez de Palmella, representei esta difficuldade a S. M., observando, que tudo dependia do conhecimento pessoal, que o Mesmo Senhor conservasse em Sua Real Lembrança. El Rei Tendo ouvido a exposição do negocio, Deu-me ordem de expedir um Aviso Regio ao antecessor de V. Ex^a, a fim de tudo se terminar na conformidade d'elle, pelo modo que no Erario fosse possivel.

He quanto posso dizer a este respeito, accrescentando que depois de eu sahir do Ministerio, S. M. foi servido Ordenar-me informasse a V. Ex^a de todas estas circunstancias.

Devo accrescentar, que na minha liquidação não comprehendo nem a Pensão da Universidade, nem outras duas pelo Erario, porque existindo d'estas titulos legaes, a primeira deve ser considerada na repartição do Reino, e as segundas na da Fazenda.

Para terminar com este sujeito, so me resta accrescentar, que elle em lugar de desfrutar as Pensões no ocio, deseja continuar a ser empregado na carreira Diplomatica, e prestar novos serviços a S. M.

Aproveito esta occasião para renovar a V. Ex^a os protestos da alta consideração com que tenho a honra de me assignar

De V. Ex^a

Amº Vºr, e fiel captivo,

CONDE DE SUBSERRA.

Arco do Cego 18 Fevereiro 1825.

Nº 7.

Ill^{ma} e Ex^{ma} Sñr. D. Miguel Antonio de Mello.

Meu Amigo Collega, e Senhor de toda a minha estima: não posso dispensar-me de informar a V. Ex^a que o negocio das reclamações de Heleodoro Jacinto d'Araujo Carneiro, tinha sido definitivamente decidido por S. M., como eu communiquei ao predecessor de V. Ex^a de ordem expressa de S. M.; communicação, que tinha por unico objecto commetter ao Ministro da Fazenda o modo do pagamento por um meio suave, e compativel com a penuria do Erario; unico motivo porque se não lavrou o Decreto. V. Ex^a não encontrará nos papeis, que accompanhavam o Aviso Regio, que expedi, Documentos legaes, que próvem a despesa; por isso mesmo que a missão d'este sujeito era particularmente do resultado, sem o intermedio do expediente regular das Secretarias de Estado, pendendo portanto unicamente da Lembrança pessoal d'El Rei Nosso Augusto Amo a possibilidade d'esta liquidação. Se todavia a V. Ex^a resta algum escrupulo, levando á Real Presença o mencionado Aviso Regio, com esta explicação terá todo o conhecimento necessario para completar este negocio, que o interessado não cessa de reclamar de mim, como do Ministro particularmente autorizado por S. M. para o ultimar, e eu o desejo muito, paraque reclamo a justiça de V. Ex^a, por me persuadir que um particular não deve padecer desembolços feitos em serviço, e obediencia a S. M.

Rogando a V. Ex^a desculpe esta insistencia, a que me não posso subtrahir: renovo os cordeaes protestos da alta estima, com que tenho a honra de ser.

De V. Ex^a

Amigo, e fiel servo,

CONDE DE SUBSERRA.

Arco do Cego 12 de Março 1825.

Nº 8.

Ill^{mo} Ex^{ma} Sñr. D. Miguel de Mello.

S. M. El Rei Nosso Senhor Dignou-se Ordenar-me hoje no Alfeite dissesse a V. Ex^a da sua parte Lembrasse ao Mesmo Augusto Senhor esta noite o meu negocio, o que respeitosa-mente faço, pedindo ao mesmo tempo a V. Ex^a o mesmo que na Carta de 12 de Março passado pedia a V. Ex^a o Senhor Conde de Suberra; isto he, que no caso de duvida quizesse V. Ex^a pôr na Presença de S. M. o Aviso Regio, que foi expedido ao Antecessor de V. Ex^a, para se me pagar as quantias allegadas no dito Aviso Regio, que foram gastos feitos em commissões ordenadas por S. M., e dinheiro que me avançaram em attenção á minha conducta, e ao estar empregado em commissões de S. M., e até em attenção á honra, e credito do Mesmo Senhor; o que S. M. confirmou ao Senhor Conde de Suberra, quando era Ministro assistente ao Despacho: para o que reclamo a justiça, e probidade de V. Ex^a, e que queira valer a um Portuguez, que não pede senão o que gastou no serviço de S. M., e obedecendo ás suas ordens. O que espera da bondade de V. Ex^a, Este que tem a honra de ser

De V. Ex^a

humilde vñd^{or}, e criado,

HELEODORO JACINTO D'ARAUJO CARNEIRO.

18 de Abril 1825.

Nº 9.

Ill^{mo} Ex^{ma} Sñr. Conde de Porto-Santo.

Tenho a honra de remetter inclusa a V. Ex^a a copia do Requerimento, que dirigi a S. M. El Rei Nosso Senhor em 1821; isto por ver que V. Ex^a tem querido examinar do Senhor Conde de Barbacena o que se passou a meu respeito n'esse tempo: ao que acrescentarei para intelligencia de V. Ex^a, que S. M. Or-

dênou ao dito Senhor Conde de Barbacena, quando era Ministro dos Negocios Estrangeiros, se passassem as ordens para se me pagar, sem aliás ter produzido então Documento algum; ao que suppria largamente a Memoria, e Consciencia de S. M.

V. Ex^a deve estar persuadido, que as Cartas escritas, e dirigidas pelo Senhor Conde de Subsera ao Senhor D. Miguel de Mello, foram o resultado de ordens de S. M. ao dito Senhor Conde; porquanto quando elle era Ministro Assistente ao Despacho, e que tudo fazia, e me devia ter decidido tudo com um Decreto, nada me fez que acabrunharme, moer-me, affugentarme de S. M., e fazer-me sahir de Mafra em Nome do Mesmo Senhor! dizendo-me aliás a cada passo me era obrigado. Portanto, esteja V. Ex^a persuadido que as Cartas de 18 de Fevereiro, e 12 de Março passado, escritas ao Senhor D. Miguel de Mello, nada são mais que ordens de S. M., e uma confissão indirecta do quanto me atrapalhou o meu negocio, e parecer querer arremendar o que rasgou, e declarou.

O que eu espero da justiça de V. Ex^a he queira pôr na Augusta Presença de S. M. as ditas Cartas, e fazer-me a graça de procurar ao Mesmo Senhor, se o seu conteúdo he, ou não verdadeiro; pelo que será eternamente agradecido este que tem a honra de ser

De V. Ex^a

Attento, e humilde criado,

HELEODORO JACINTO D'ARAÚJO CARNEIRO.

22 de Março 1825.

N^o 10.

Ill^{mo} Ex^{mo} Sñr.

Não desejando tirar o tempo a V. Ex^a, não ousei responder hoje a proposito ao que V. Ex^a me disse em audiencia « Que visto haverem pertendentes da Suecia, Dinamarca, etc. ao mesmo que eu, á importação de Trigo, que era preciso ver como se devia temperar isto. »

A isto tenho a dizer a V. Ex^a, que as pertenções dos Succos, e

Dinamarquezes são da natureza d'aquellas que ja se verificaram com M. Del Bourg e Torrelada, a quem o Marquez de Palmella quiz muito gratuitamente obsequiar com a licença da importação de Trigo; licença que assás scandalizou a Nação : o que não aconteceria com o meu caso; antes creio bem se scandaliza em ver a falta de pagamento de sommas assás liquidadas, e mandadas pagar ja por tres vezes por S. M. Porquanto eu peço se paguem as sommas, que se adiantaram para o serviço de S. M. por um meio o mais suave que se pode imaginar, qual he o da concessão da importação em Lisboa de 5000 moios de Trigo livres de direito, metade em 1826, e outra metade em 1827; ficando assim desonerado o governo das duas dividas, tanto a de S.M. como a da Universidade, que V. Ex.^a me tem dito S. M. deseja indemnizar-me.

Eu fiquei aqui este mez, tendo aliás tomado ja o lugar no Paquete por S. M. se ter Dignado dizer-me fallasse com V. Ex.^a, que estava autorizado para concluir tudo; e V. Ex.^a dizer-me que S. M. queria arranjar-me tudo, e que esperasse ainda um pouco.

Sou obrigado a partir, e por isso vou ainda aos pés de V. Ex.^a rogar-lhe queira decidir-me isto, e fazer com que eu possa ser o portador d'esta licença, ou de outra fórma de pagamento aos meus credores, e credores de S. M. ; vindo V. Ex.^a assim a evitar o que de certo se verifica, e que de certo ha de custar a V. Ex.^a e a todo o honrado Portuguez, de se fazerem publicas transacções, que aliás deveriam ser ignoradas.

Ja disse a V. Ex.^a que o dinheiro que se deve a Samuel Dobree, e Filhos são sommas, que elles avançaram para o serviço de S. M. , e para livrarem o Mesmo Senhor de Pertendentes ao Throno! S. M. o sabe muito bem , e por isso he que ja pela terceira vez Foi Servido mandar pagar.

E praza a Deus que não seja preciso , que os ditos Samuel Dobree, e Filhos façam pôr á face do Tribunal da opinião publica da Europa isto mesmo, e o direito que tem a serem pagos de umas sommas applicadas a fins os mais serios , e sagrados.

Espero que V. Ex.^a, em tempo algum, possa jamais arguir-me de imprudente; antes pelo contrario que conheça que fiz o que

cabe nas forças humanas por sustentar o Decoro, e Honra do Governo de S. M., á custa de tanta baixeza, e *chicanu*, por onde tenho passado. Aproveitando esta occasião para renovar a V. Ex^a os sentimentos da alta consideração, e respeito com que tenho a honra de ser,

De V. Ex^a

Humilde criado,

HELIODORO JACINTO D'ARAUJO CARNEIRO.

25 de Janeiro 1826.

N^o 11.

*Ill^{ma} e Ex^{ma} Sñr. D. José Joaquim d'Almeida Araujo
Corréa de Lacerda.*

Tendo-se V. Ex^a dignado propôr-me, ha tempos, receber eu ja 10 contos de reis, e o resto em prestações regulares pelo cofre do Terreiro-Publico, o que até se dignou dizer a sir John Doily, para elle o participar aos seus correspondentes de Londres; e como V. Ex^a, passados dias, me dissesse, que 10 contos seria muito, mas que receberia 8 contos, e d'ahi a 4 mezes outros 8 contos, e assim por diante; assim como as prestações em sete quarteis, e desejando eu evitar mais desconfianças da parte dos meus credores, e credores de S. M., e até que desesperem, e tomem outras medidas, que eu tanto tenho feito por evitar; por isso lembrei hontem a V. Ex^a, que para acabar com isto, quizesse V. Ex^a mandar lavrar o Decreto, em que se mande pagar ja 8,300,000, e o resto 36 contos em 2 annos em seis quarteis, de 6 contos cada um; pagos pelo cofre do Terreiro-Publico: o que attendendo ao modo generoso como elles Samuel Dobree, e Filhos adiantaram o dinheiro para o serviço de S. M., he o mais suave, e razoavel possivel.

Pelo que, e visto V. Ex^a dizer-me que segunda feira amanhã havia de levar á Presença de S. M. una minuta d'isto para

se lavrar o Decreto, rogo por isso a V. Ex^a queira desculpar esta importunidade, que so serve de lembrar o que mesmo V. Ex^a me disse faria.

Aproveitando esta occasião para renovar a V. Ex^a os sentimentos da maior consideração, e respeito com que tenho a honra de ser,

De V. Ex^a

O mais attento , e humilde servo,

HELEODORO JACINTO D'ARAUJO CARNEIRO.

26 de Fevereiro 1826.

N^o 12.

*Ill^{mo} e Ex^{mo} S^{nr}. D. José Joaquim d'Almeida Araujo
Corrêa de Lacerda.*

Empenhei-me sempre em merecer a V. Ex^a todos os bons officios, e a execução de toda a justiça, assim mesmo he a V. Ex^a a quem devo achar-me hoje, como me acho; porquanto Tendo S. M. (que Deus Haja) Dado, ha tempos as ordens a V. Ex^a, como V. Ex^a mesmo me disse, para me despachar o meu negocio, e fazer-me pagar; Tendo-se o Mesmo Augusto Senhor dignado dizer a V. Ex^a ser verdade o que allegava, com a Perda, e Morte de S. M., me acho hoje na situação a mais critica, e desastrosa!

V. Ex^a por varias vezes me disse, ia fazer passar o Decreto; que seriam 10 contos de reis, que receberia ja, e o resto em prestações : isto mesmo disse V. Ex^a a Sir John Doily, para elle o assegurar a Samuel Dobree, e Filhos, credores de S. M.

Isto eram Transacções; como V. Ex^a sabe, de serviço immediato a S. M., e cujo principal Documento era a Sua Augusta Palavra: o Mesmo Senhor assegurou a V. Ex^a a verdade d'isto, e lhe ordenou passasse as ordens necessarias; estas não chegou V. Ex^a a expedir, e so me disse quarta feira 8 do corrente, que o Decreto se achava na Pasta, mas se não assignara por não ter

tido despacho na segunda feira, em consequencia da molestia de S. M.

~~Resposta de V. Ex.^a ao Sr. D. José Joaquim d'Almeida Araujo~~
~~Corrêa de Lacerda, de 1826.~~
~~Resposta de V. Ex.^a ao Sr. D. José Joaquim d'Almeida Araujo~~
~~Corrêa de Lacerda, de 1826.~~ Ora se hoje por qualquer fatalidade V. Ex falta! a que estado me não arrasta V. Ex.^a, e aos credores de S. M.? E que precisão terá V. Ex.^a de ter remorsos, e de fazer desgraçados?

Portanto, eu espero, e confio na justiça, probidade, e honra de V. Ex.^a me queira valer, e queira propôr ao Governo o que S. M. se dignou dizer, e ordenar a V. Ex.^a, a respeito do negocio, de que o Mesmo Senhor o encarregou, e me queira fazer decidir isto, como por tantas vezes me prometeu.

Sou com todo o respeito, e consideração,

De V. Ex.^a,

Humilde, e attento servo,

HELEODORO JACINTO D'ARAÚJO CARNEIRO.

26 de Março 1826.

Nº 13.

*Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. D. José Joaquim d'Almeida Araujo
Corrêa de Lacerda.*

A critica situação, em que me achava, e que por tantas vezes pertendi fazer ver a V. Ex.^a, e o ter até recebido uma Carta, em que me participavam o estado perigoso de minha Filha, me obrigou a sahir de Lisboa, sem as devidas despedidas, por isso mesmo, que nem pude obter a honra de ver V. Ex.^a, a pesar de me servir até de empenho do Ill.^{mo} Senhor D. José; mas de balde, escrevendo-me o dito Senhor que V. Ex.^a lhe dissera, não podia fallar a pessoa alguma nos Dias-Santos.

Não tenho d'aqui a accrescentar ao que por muitas vezes disse a V. Ex.^a, senão, que V. Ex.^a interesse algum poderá ter em me fazer infeliz, e aos meus credores, quando aliás teve nas suas mãos ultimar o meu negocio; poisque pelas proprias expresões de V. Ex.^a, e de S. M. (que Deus Haja) tinha as ordens ne-

cessarias para m'o ultimar; tendo-me até promettido fazer-me dar ja 10 contos de reis, e o mais em prestações.

V. Ex^a se algum dia deixar de ser Ministro, desejará sem duvida conservar a sua consciencia pura, e livre de remorsos: V. Ex^a ainda está hoje na situação de remediar d'algum modo o que tanto me transtornou.

V. Ex^a mesmo me prometteu, na ultima vez que tive a honra de lhe fallar, havia de pôr na presença do Governo o meu negocio, como uma cousa decidida, e ordenada por S. M.; pelo que espero da honra, e bondade de V. Ex^a, queira fazer-me o que me prometteu.

V. Ex^a verá por este modo particular, como os meus credores, e credores de S. M. demandam o que se lhes deve; como eu desejei, e desejarei sempre fazer por guardar o decoro devido á Memoria de S. M., e á Dignidade do seu Governo; isto he, verá V. Ex^a que isto não vai por via de Ministro Estrangeiro, como aqui queriam, mas sim de um particular, esperando que V. Ex^a tenha tudo isto em attenção, e se persuada dos sentimentos d'alta consideração, e respeito com que seu,

De V. Ex^a

Humilde vnd^{or}, e criado,

HELEODORO JACINTO D'ARAÚJO CARNEIRO.

N^o 14.

Londres, n^o 50 Manchester-Street 25 d'Abril de 1826.

Caro Senhor,

Em resposta á sua Carta d'hontem, tenho a dizer-lhe, que perfeitamente me lembro que ha alguns mezes, que achando-me em Lisboa, recebera dos meus correspondentes de Londres, copias de Cartas do Primeiro Ministro de Portugal o Conde de Suberra, dirigidas ao actual Ministro da Fazenda D. Miguel de Mello, nas quaes se reconhecia, e admittia, o deverem-se-lhe certas sommas de dinheiro, que se dizia nas mesmas Cartas, terem sido despen-

didas em Pariz, e Londres, como Agente de S. M. (de saudosa memoria) o Senhor D. João VI; e por Sua ordem. Por estas Cartas se via, que a ordem para se lhe pagarem estas sommas, tinha sido dirigida ao Ministro da Fazenda por ordem de S. M. Um dos credores de V. S^a em Londres, remetteu-me as copias d'esta correspondencia, dizendo-me, se admirava muito de que a serem verdadeiras, e authenticas se lhe não tivesse pago, e executado as ordens de S. M.; rogando-me quizesse examinar se os Documentos remettidos eram exactos, e exacto o que V. S^a dizia; vistoque o meu correspondente (se me perdoa V. S^a o expressar-me assim) começava a hesitar ja sobre a authenticidade dos Documentos, e do que V. S^a lhe dizia; poisque nada se tinha pago; não obstante as ordens de S. M. Tive a honra de pôr isto mesmo na Augusta Presença de S. M. (de saudosa memoria) em Dezembro passado, e o Mesmo Senhor se dignou dizer-me: Que o que V. S^a dizia era verdade, e que S. M. tinha ja dado as ordens necessarias ao Ministro do Interior o senhor Lacerda; dizendo-me que eu podia fallar com S. Ex^a a este respeito. Obedecendo ás ordens de S. M., fui ter com o Ministro Lacerda, dous dias antes de sahir de Lisboa, a saber como se achava o negocio do pagamento, para assim pessoalmente informar os meus correspondentes em Londres; e o Ministro me disse, que era verdade ter recebido as ordens de S. M. a este respeito; que V. S^a ia receber ja *uma boa porção*, e o resto em consignações. Taes foram as verbaes palavras de S. Ex^a, as quaes elle me encarregou, que participasse aos meus correspondentes em Londres. E eis aqui o que eu posso dizer sobre a materia.

Tenho a honra de ser,

Caro Senhor,

Vosso verdadeiro,

J. M. DOYLE.

Lisboa, 13 de Maio 1826.

Sñrs. Samuel Dobree, e Filhos. (Londres).

Temos o prazer de reconhecer os estimados favores das suas de 25, e 29 ultimo. O primeiro não precisa resposta, e o outro nos tras a sua Procuração, e uma Carta para o Secretario d'Estado, com uma copia de uma outra Carta dirigida ao nosso commum amigo o cavalheiro Carneiro, por Sir John Doyle, tudo relativo ás reclamações, que o dito amigo tem de sommas de dinheiro gasto no serviço, e por ordem de S. M. (que Deus Haja).

Não deixamos passar muito tempo, que não fosse-mos procurar o Secretario d'Estado, com quem tivemos sobre este objecto uma longa conversação, e confessamos que não nos admira do resultado! Elle principiou por lamentar muito, que o cavalheiro Carneiro se tivesse ausentado ao momento o mais interessante ás suas reclamações, que apesar de que S. M. (que Deus Haja) inteiramente reconhecesse esta divida, comtudo que o senhor Carneiro não presentara os Documentos, que provassem, e estabelecessem as ditas reclamações, e que sem estes, elle não podia apresentar este negocio ao novo Governo. Que se o senhor Carneiro se tivesse demorado, era sua intenção de o apresentar, com o fim de o fazer pessoalmente conhecido, e que d'este modo o negocio poderia melhor ter sido apresentado ao Governo: Que no estado presente dos negocios o senhor Carneiro devia-nos dar os Documentos, e provas do pagamento, para assim o habilitar a elle Secretario d'Estado poder trabalhar n'isto.

A isto responde-mos que S. Exª concebia muito bem que o ter reconhecido El Rei a divida era bastante, e que fazendo S. Exª conhecer isto ao Governo, seria sufficiente para terminar o negocio; além de que, S. Exª tinha em seu poder uma conta *detailed* que o senhor Carneiro lhe tinha dado, na qual os *items* dos gastos estavam particularmente designados; que S. Exª bem sabia que a maior parte das reclamações provinha de pa-

gamentos de uma natureza, que excluïam recibos. E que o senhor Carneiro deveria naturalmente concluir d'isto, que exigindo o Secretario d'Estado, nas circunstancias presentes, similhante cousa, era um pretexto para tirar de si o negocio, e portanto um proceder *vexatorio*.

A isto S. Ex^a respondeu simplesmente: Que elle tinha verdadeiramente desejos de servir o senhor Carneiro, que elle podia produzir, senão todos, alguns Documentos, que provassem alguns pagamentos, e que quando assim feito, elle trabalharia immediatamente n'isto.

Agora pertence ao senhor Carneiro dizer-nos o que devemos fazer — O *Affidavit* de Sir John Doyle, em quanto ao ter reconhecido El Rei a divida, e te-la mandado pagar, poderá ser de muita utilidade. Lastimamos o não poder dar uma conta mais satisfatoria, postoque o senhor Carneiro senão ha de admirar d'isto, lembrado do que lhe aconteceu a qui a elle mesmo, e do que lhe fizeram quando se achava em Lisboa.

Somos com todo o respeito,

Senhores,

Os vossos mais obedientes criados,

MORROGH, WALSH e Comp^a.

Pariz, 10 de Junho 1826.

Senhores,

Aindaque sinta muito a continuação dos vexames, e do roubo que se me faz, e faz á vossa casa, comtudo estimo vejã de quem procede isto. O meu negocio, como teem visto não so estava liquidado, e mais que liquidado, e ordenado por El Rei o pagamento em 1821, mas até depois em 1824, tudo que gratuitamente quiz pedir, e exigir o Pamplona, D. Miguel de Mello, o Porto-Santo, o Intendente, e o Lacerda, tudo lhes produzi, e dei, e

não obstante isto, e não se me ter fallado em tal cousa, nem exigido mais, mas sim assegurar-se-me estava o Decreto passado para se me pagar, sahe-se agora com esta ! Portanto quando escreverem aos senhores Morrogh, Walsh, e Comp^a poderão dizer-lhes se deixem d'isto; porquanto eu vou tentar se o meu amigo Kent os pode tirar do embaraço em que estão, e em que eu mesmo me acho, e que elle então se dirija ao Governo de Lisboa, e a S. M. ao Brasil; poisque d'outro modo, e com tal gente, he perder a paciencia. Poderão deduzir d'aqui o que soffri em Portugal a esta corja; e espero um dia fazer conhecer á Europa, e ao Mundo inteiro, a marcha análoga, que se seguiu com El Rei, e por isso o levaram á sepultura.

CARTAS.

Nº 1.

Ill^{mo} Amigo, e Sñr.

Recebi a de V. S, acompanhada do Mimo, que me quiz fazer favor de me remetter, ficando muito obrigado a V. S. ; mas dizendo ao mesmo tempo não serem precisas semelhantes cousas para amigos.

Eu conto de ir á manhã a casa, e la fallarei a meu Pae, e mesmo á Pessoa, que mais se interessa. O negocio de V. S. he um negocio de justiça, e decidido; porém ha muita cousa a contemplar, e para lhe fallar como amigo, he o dizerem V. S. trouxera uma Carta do Infante para El Rei, sendo a primeira Carta que elle escreveu, e V. S. a quem a confiara! No emtanto tudo se ha de vencer.

Attento Vn^{der} e obrigado.

D. JOSÉ CORRÊA DE LACERDA.

Outubro 2 de 1825.

S. Vicente 8 Outubro 1825.

Nº 2.

Ill^{mo} Amigo, e Sñr.

Recebi, e não respondi, á Carta de V. S., porque so queria dar uma resposta, que alguma cousa adiantasse: no dia seguinte pela manhã fallei, e instei muito a meu Pae; hontem á noite tornei a fallar, e respondeu — «*Estão as ordens passadas ao Reitor da Universidade para lhe pagar por consignações; este negocio ja está concluido a favor do recommendado.*» Estas foram suas palavras, e eu dou os parabens a V. S. Não lhe faça saber que eu lho comuniquei; porque eu lhe disse que um meu amigo me

tinha escrito por V. S., se quizer fallar-lhe para concluir isto de todo; mas eu julgo, á vista da resposta, tudo vencido: *não custou pouco.*

De V. S.

Criado, e amigo obrig^{do}

D. JOSÉ CORRÊA DE LACERDA.

Nº 3.

Meu Amigo do C^m.

Hoje ja 2^a fr. pois he uma hora da noite tendo ha pouco chegado de casa, faço estas duas linhas a participar a V. S., que hoje fui entregue da Carta de V. S., que entreguei a que vinha inclusa, e que tive depois uma grandecissima questão por causa do seu negocio. Não gosto de alegar serviços, e bem me conhece o genio; mas esquentei-me, e fallei com todo o fogo: suscitaram-se infinitas duvidas etc. etc.; mas a final consegui que fosse hoje 2^a fr. a S. M., e la vai para se decidir a final a licença da importação dos 5 mil moios para o pagamento da divida, e indemnização da Universidade: ora Deus permitta que a cousa inda não soffra algum embarço, e que se vença, como eu desejo, e espero; porque me parece que enfim se tomou decedida resolução para isto.

Sou do coração, e de veras de V. S.,

Amigo fiel, e obrig^{do}

D. JOSÉ MARIA DE LACERDA.

Janeiro 30 1826.

Nº 4.

Ill^{mo} Amigo, e Sñr.

Recebi ja depois de meu Pae ter sahido para o Theatro a Carta de V. S. com a copia, que vinha inclusa. Vi tudo quanto V. S. me disse, parte do que ja sabia. Parece que as causas tomam bom aspecto, e que as prestações serão preferidas; porque sal-

vam inconvenientes que (dizem) a importação do Trigo offerece. Eu nem me descuidarei um so momento : n'isto pode estar certo. A Carta de V. S. será entregue e lida,

De V. S.

Amigo verdadeiro ,

D. JOSÉ MARIA CORRÊA DE LACERDA.

Fevereiro 4. Sabbado ás 11 da noite, ou antes acabada hoje Domingo. Ja foi entregue, e lida a Carta.

Nº 5.

Ill^{ma} Am^o, e Sñr.

Venho de casa, e sube la o que V. S. passou com meu Pae, e que Sir John Doyle lhe fallara na audiencia a quem dissera — «Que V. S. ia receber ja uma boa porção de dinheiro, e o resto, que se lhe devesse, em prestações» portanto lhe dou os parabens com tanto mais ardor, quanto conheci os inimigos que V. S. tem por causa do Infante. E agradeça-me V. S. o que eu tenho gritado a seu favor, ao ponto de vir outro dia doente.

Sou de V. S.

Amigo, e obrigado,

D. JOSÉ MARIA CORRÊA DE LACERDA.

12 de Fevereiro de 1826.

Nº 6.

Ill^{ma} Sñr.

Hontem fui avisado, que o Decreto de V. S. tinha ido para a assignatura Real; mas ainda não sei se com effeito foi, ou não assignado por S. M., o que apenas saiba, participarei, como do coração,

Amigo verdadeiro,

D. JOSÉ MARIA CORRÊA DE LACERDA.

Fevereiro 14 1826

<i>Pag.</i>	<i>lin.</i>	<i>Errata.</i>	<i>Emenda.</i>
6	3	seguia	seguiam
7	titulo	lavaram	levaram
14	12	o	um
15	13	pa	para
16	31	achesse	achasse
23	21	respon-di-lhe	disse entre mim
25	29	nã o	não
31	25	8	1
43	12	ser não, so	ser, não so

POST-SCRIPTUM.

DEPOIS do que vi practicar em Lisboa, desde Outubro de 1824 té Março de 1826, à corja revolucionaria que deu cabo da Monarquia e do Monarca pouco me abalaria qualquer conducta que ella ainda tivesse. No entanto nunca me passou pela cabeça que houvesse esta mesma corja de fazer publicar as suas tramas e fazer conhecer á Europa a sua fraqueza com violencias inauditas!

Já disse no prefacio que, durante a vida d'El Rey, tinha tido em vista fazer conhecer a alguns gabinetes da Europa o estado, em que se achava S. M. que Deus haja, assim como já tinha feito saber em 1822 ao Principe do Brazil o estado, em que seu Augusto Pae se achava e parte do que o mesmo Senhor me tinha ditto; e como tinha sido obrigado a expatriarme a 12 d'Outubro de 1822 a fim de fazer conhecer o que se urdia contra as Dinastias de Bragança e dos Borbons; e isto para não comprometer aquelle que m'o tinha confidencialmente communicado. Mas sendo El Rei morto restava me dar parte, como dei, a S. M. o Senhor D. Pedro; assim que cheguei a Falmouth, pelo Paquete *Goldfinch* que saio d'ahi para o Rio a 12 d'Abril de 1826. O que igoalmente contava fazer saber a S. A. R. o Senhor Infante D. Miguel.

Mas antes d'isto, assim que cheguei a Pariz tive varias entrevistas com o Ministro dos Negocios Estrangeiros o Barão de Damas a este respeito, e isto não só porque me lizonjeava de conhecer os sãos principios do Ministerio Francez, mas muito principalmente a honra e lealdade deste digno Ministro, a quem tendo communicado as minhas intenções de ir á Vianna se conformava com o meu pensar de ser útil fallar ao

Príncipe de Metternick a cerca do que poucas pessoas melhor que eu o poderião informar.

Tirei o meu Passaporte, o qual fiz reconhecer e vizar pelo Embaixador Austriaco o Conde d'Appony e pelos Ministros de Bade, de Württemberg, e de Baviera.

Tres dias depois que o Passaporte foi reconhecido pela legação Portugueza appareceu no Constitucional, Jornal favorito da canalha, hum grande artigo, em que se dizia, que «hum certo Portuguez que se tinha assignalado pelas suas expedições secretas na epoca que o Marquez de Marialva era Embaixador em Pariz e que (segundo dizião) tinha sido encarregado ultimamente pelo Senhor Infante D. Miguel de fazer muitas viagens em Paizes Estrangeiros vinha de partir para Vianna como correio. Que estes movimentos de Diplomacia subalterna d'intrigas parecião inspirar algumas inquietações ás *personas sabias* que se asustavão de ver chegar de repente este Principe a Portugal n'este momento de *crise*, poisque elles pensavão que a *tranquillidade* d'aquelle paiz exigia que se evitasse com o maior cuidado tudo aquillo que podesse fazer reviver paixões ardentes e lembranças peniveis!»

No primeiro momento fez me isto algum abalo pelo tecido de falsidades e imposturas e por isso tinha feito hum pequena nota que dizia pouco mais ou menos o seguinte. Que se via por tudo isto o plano seguido dos conjurados, que todos os fundos e todas as repartições estavão applicadas e dirigidas a diffamar o Senhor Infante e a quem o não diffamava! Que isto saia da Legação Portugueza, pois que ninguem mais sabia da minha viagem. O que não admirava a quem conhecia o como ella era composta. Em quanto ás expedições secretas respondia que ellas se reduzirão a ser eu apresentado a Luiz XVIII e á Familia Real pelo mesmo Marquez de Marialva a 11 do mez de Janeiro de 1820, como Ministro de S. M. Fidelissima em Suissa, como muito bem sabia quem entam servia ao ditto Marquez de *valet* com o nome d'*attaché*. Que em quanto ás assersões gratuitas e falsas de ter sido encarregado pelo Senhor Infante D. Miguel de differentes viagens em Paizes Estrangeiros não tinha a dizer lhe senão que se erão

capazes de o provar que o fizessem, mas que enquanto o não fazião lhes chamava huns calumniadores e huns vis mercenarios da calúnia; declarando lhes desde já, que se S. A. R. me tivesse feito a honra de me encarregar de qualquer couza de todo o meu coração o teria desempenhado, principalmente depois que conheci a fundo o conlói e a intriga infernal que lhe armarão e que por fim veio a dar cabo d'El Rei.

Declarando-lhes mais, que quem m'encarregava agora d'esta viagem a Vianna fora o mesmo que me encarregara o escrever a S. M. o Senhor D. Pedro, assim que cheguei a Falmouth, isto he, a minha consciencia, e o imperiozo dever e dezejo de fazer sciente o Governe Austriaco, comó tinha já feito saber para o Brazil dos dezaforos e horrores que se tinham praticado em Lisboa, e que isto tinha eu em vista fazer no tempo que El. Rei vivia, o que por suspeitar a roda Ministerial m'andarão entretendo e moendo, sem ja mais executarem as ordens do Soberano. Que em quanto as pessoas de bem se assustarem, etc., dizia ao tal correspondente do Constitucional, que era hum impostor que as pessoas de bem estimarião vêr em Lisboa o Senhor Infante; os que o lá não dezejão erão os da sua Laia e dos seus principios, porque a consciencia os accuza, isto esteve prompto para o fazer publicar em hum Jornal.

Pensando porem hum pouco mais n'isto achei dever tratar similhantes calumnias com o desprezo que merecião, muito mais não sendo o meu nome expresamente declarado. n'estas calumnias.

Ora como o negocio não era tam urgente, como imaginavão os conjurados, e não ia em correio, como dizia o Constitucional, achando-me alias pouco forte para huma grande viagem em consequencia do que soffri aos regicidas, foi d'ahi a hum mez que me determinei a partir para a Alemanha fazendo pequenas viagens por dia.

Tanto em Strasbourg, como em todas as Capitães d'Alemanha, por onde passava e me demorava me tratavão por Secretario particular do Senhor Infante, isto porque assim o tinha feito espalhar a confraria (eis como ella funda o seu impexio na impostura) e o tinha publicado o

Constitucional! Na minha chegada a Salsbourg, primeira cidade do dominio Austriaco ao apresentar o meu Passeporte com a maior surpresa minha vi se me não permetia continuar a viagem, dizendo-se-me havia ordem de Vianna para este fim.

Faltava-me ainda esta para conhecer a fundo o bloqueio, que se fazia a S. A. R. e o estado precario, em que o Governo Portuguez se achava ao ponto de lhe ser preciso commetter similhantes dezaforos! Que taes os crimes que se tinham perpetrado? que era preciso servirem-se de *lettres de cachet* para que a verdade não podesse chegar aos ouvidos do Governo Austriaco!

Se me tivesse vindo a cabeça a possibilidade de hum similhante proceder tinha ido a Vianna com Passaporte fingido, e fazendo parte de huma familia estrangeira (como se practica muito facilmente) porem jamais me passou pela imaginação similhante perversidade e similhante fraqueza: O que fizerão estas almas no seu governo poder se ha colligir do empenho e valor que davão a que não podesse chegar ao pé de S. A. R. pessoa capaz de fallar a verdade e que não fosse cúmplice nos seus crimes.

As autoridades Austriacas de Salsbourg aconselharão-me d'escrever ao Principe de Metternick, ou mesmo que o esperasse em Carlsruhe, por onde elle havia de passar na volta de Johannesberg; o que me não emportou fazer, visto que não chegava o meu enthusiasmo a tanto, já tinha feito assaz. Voltei portanto para Pariz; e procurando o Ministro dos Negocios Estrangeiros o Barão de Damas e contando-lhe o que me vinha de succeder, me disse que me não admirasse, poisque tinham espalhado que eu era hum agente secreto da Rainha! De sorte que 3 mezes antes era instalado pelo Constitucional, ou para melhor dizer pelos addidos a Legação Portugueza, como encarregado pelo Senhor Infante; e depois pelo que foi enforcado em estatua e que por isso foi depois primeiro Ministro em Portugal (que he quem espalhava isto pelo Governo Francez) Agente secreto de S. M. a Rainha.

Não me tinha cansado em responder ás assersões mentirozas do Constitucional, tinha tratado isto com o desprezo devido;

mas ao Barão de Damas sempre lhe respondi, que S. Ex.^a deveria ter de mim algum conceito, e que por isso lhe dizia, que nunca tivera a honra de ser Agente de S. M.; nem de S. A. R., mas que se o tivesse sido teria desempenhado á risca as suas Reas ordens, como fizera no decurso de 20 annos a S. M. o Senhor D. João VI (quando era livre e Senhor) muito mais porque fora por via do mesmo Senhor que tivera a honra de conhecer a sua Augusta familia. Que até mesmo assegurava S. Ex.^a que se me tivesse achado em Lisboa em 1824 e tivesse tido a honra de ser chamado por S. A. R. aos seus conselhos que talvez o não terião sacrificado, como fizerão.

A instancias d'alguns amigos escrevi ao Principe de Metternick, em que me queixava do que vinhão de praticar comigo, para com hum homem que S. Ex.^a deveria conhecer, e por isso me não podia capacitar approvasse similhante conducta.

Ao que o Principe me respondeu, que « elle se achava fora de Vianna, quando me accontecera o que lhe participara. Que no entanto me assegurava não haver couza alguma particular a meu respeito; Que no tempo ainda da vida do Senhor D. João VI tinha officiado o governo Portuguez ao seu Ministro em Vianna para que obtivesse do governo Austriaco não deixar entrar Portuguez algum em Austria, que não fosse munido de huma reccomendação particular pelo ditto governo de Lisboa. — E que assim que chegasse a Vianna faria por tomar conhécimento do que se tinha practicado comigo. »

D'onde vim a saber que o Ministerio Portuguez de 1825 e 1826, d'infausta méinoria tinha em nome d'El Rei dado por suspeita toda a Nação Portugueza ao governo Austriaco, pedindo-lhe não deixasse entrar no seu Territorio Portuguez algum que não fosse munido de recommendação particular do *Directorio*. De maneira que qualquer Portuguez que quizesse viajar em Alemanha não podia, a não ser da Confraria! Eis aqui para que estavam reservados os Portuguezes perderem o Brazil; o Soberano, e a consideração em todos os Paizes estrangeiros! Emfim que havia de ser se o Soberano chegou a estar em tal estado de oppressão de pegar em 1824, ainda que involun-

variamente na Espada para com hum homem a quem em 1820 chamava o unico amigo : e que em 1825 se envergonhava de tal fraqueza e o assegurava de lhe não fazerem violencia alguma, enquanto fosse vivo : razam porque assim que morreu, ou o matarão, sahi de Portugal.

Ainda que em Portugal haja gente chea d'honra e d'energia e capaz de sacrificar o seu commodo ao bem da Patria e á verdade; comtudo estou intimamente persuadido que esta *lettre de cachet* teve me muito em mira, poisque o *Directorio* de Lisboa conhecia-me energia e que tinha ido duas vezes de Londres ao Rio de Janeiro só para pôr El Rei ao facto e ao alcance do que lhe tramavão. Sabião e'conhecião a franqueza, com que fallei ao publico em 1821 e 1822 dos energumenos e coripheos das Cortes e seus Agentes, e que em 1822 me tinha expatriado para fazer conhecer a Europa os horrorozos planos, que a confraria traçava contra os Thronos e os Soveranos : Eis a razam, torno a repetir porque a tal sucia tanto me contrariava verificando comigo a fabula de Tantaló, offerecendo-se-me o pagamento e modo como haviade ser, e no dia fixo que ia a tocalo me impedião de o fazer allegando humas vezes hum motivo imaginado, outras desdizendo-se, entre-tendo-me d'este modo até que conseguirão a grande obra que imaginavão, que foi perder d'estoiro o Brazil e darem conta do Monarca.

24MA65

<u>Pag.</u>	<u>lin.</u>	<u>Errata.</u>	<u>Emmenda.</u>
9	20	objecto	abjecto
22	22	forjou	vi forjara

24MA65



